



Universidade de Aveiro
2020

**Catarina Silva Almeida Sustentabilidade empresarial e a Economia Circular:
o caso Polisport**



Universidade de Aveiro
2020

Catarina Silva Almeida Sustentabilidade empresarial e a Economia Circular: o caso Polisport

Relatório de estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Economia, realizada sob a orientação científica da Doutora Margarita Robaina, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro e coorientação da Doutora Celeste Varum, Professora Auxiliar do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã pelo incansável apoio e por sempre acreditarem em mim.

o júri

presidente

Doutora Mara Teresa da Silva Madaleno
professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Doutora Micaela Moreira Pinto
professora Auxiliar Convidada, Universidade de Aveiro

Doutora Margarita Matias Robaina (Orientadora)
professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Em primeiro lugar, e acima de tudo, quero agradecer aos meus pais e, à minha irmã, por todo o apoio demonstrado ao longo de todos estes anos de estudo e, por nunca desistirem de mim. Também a toda a minha família por todas as palavras de apoio e conforto durante o meu percurso escolar e, por sempre acreditarem no meu sucesso.

Em segundo, agradeço às minhas orientadoras, a Prof. Margarita Robaina e a Prof. Celeste Varum, por estarem sempre disponíveis e me orientarem durante todo este processo.

Agradeço ainda à Polisport pela oportunidade de realização do estágio e a toda a equipa QAS por toda a ajuda e apoio durante o estágio, foram incansáveis. Um obrigada especial ao Eng. Tiago Pereira por toda a orientação e ajuda durante o respetivo período.

Um agradecimento especial a todos aqueles que de alguma forma me apoiaram ao longo deste percurso e que contribuíram para todo o meu sucesso.

palavras-chave

Sustentabilidade, Economia Circular, Plástico, GRI, Polisport.

resumo

O presente relatório resulta do estágio realizado na empresa Polisport Plásticos, no âmbito do Mestrado em Economia. Tem como objetivo o estudo do conceito de Sustentabilidade, no contexto empresarial, relacionando-o com a Economia Circular (EC), através da análise do caso de estudo do Grupo Polisport e do seu relatório de sustentabilidade.

Inicialmente é feita uma apresentação ao tema, seguindo-se uma revisão de literatura, onde são estudados diversos conceitos chave para este estudo. Seguidamente, na metodologia, é explicado o processo de realização do relatório de sustentabilidade. No capítulo seguinte é apresentado o próprio relatório de sustentabilidade da empresa.

Conclui-se, no final, que, tanto a EC como a Sustentabilidade, trazem diversos benefícios para as empresas e que, os relatórios de sustentabilidade, além dos benefícios que trazem para a empresa, são uma forma de alcançar essa sustentabilidade e de acelerar uma mudança para a EC.

keywords

Sustainability, Circular Economy, Plastic, GRI, Polisport.

abstract

This report is the result of the internship carried out at Polisport Plásticos, for the master's degree in Economics. The objective is to study the concept of sustainability, in the business context, relating it to the Circular Economy, through the analysis of the Polisport Group case study and its sustainability report.

Initially, a presentation of the theme is made, followed by a literature review, where several key concepts for this study are studied. Then, in the methodology, the process of preparing the sustainability report is explained, followed by the chapter in which the report is presented.

We concluded, in the end, that both the CE and sustainability bring several benefits to companies and that sustainability reports, in addition to the benefits they bring to the company, are a way to achieve this sustainability and accelerate a change in the CE.

Índice

Índice Figuras	iv
Índice tabelas	v
Lista Acrónimos	vi
1. Introdução.....	1
1.1. Apresentação do tema	1
1.2. Motivação.....	2
1.3. Objetivos	2
1.4. Estrutura do trabalho	3
2. Revisão da Literatura.....	5
2.1. Sustentabilidade	5
2.2. Economia Linear	7
2.3. Economia Circular.....	8
2.4. Relação entre a Economia Circular e a Sustentabilidade	15
2.5. Problemática dos Plásticos	16
2.6. Relatório de Sustentabilidade.....	21
3. Metodologia.....	25
3.1 Enquadramento usado	25
3.2 Processo de recolha de dados e elaboração do relatório	29
4. Resultados – Relatório de Sustentabilidade.....	31
4.1. Introdução.....	32
4.2. Mensagem CEO	33
4.3. Grupo Polisport	35
4.4. Ano 2019	39
4.5. Área Económica	40
4.6. Área Ambiental	44
4.7. Área Social	50
4.8. Ano 2020	55

5. Conclusões, Limitações e Trabalhos Futuros	58
6. Referências	62
7. Anexos	65
7.1. Anexo A	65
7.2. Anexo B - Índice de conteúdo GRI.....	70

Índice Figuras

Figura 1- Visão geral do conjunto de normas da GRI.....	26
Figura 2 - Organograma do Grupo Polisport.....	38
Figura 3 - Volume de compras por fornecedor.....	41
Figura 4 - Processo de avaliação de risco do Grupo Polisport	42
Figura 5 - Quantidade de materiais utilizados (kg)	45
Figura 6 – Consumo de Gás em toneladas	46
Figura 7 - Consumo de eletricidade em Kwh	46
Figura 8 - Consumo de água em m3	47
Figura 9 - Resíduos reciclados (%)......	48
Figura 10 - Quantidade de resíduos em toneladas.....	48
Figura 11 - Fonte das emissões de CO2	49
Figura 12 - Colaboradores por género (%)......	50
Figura 13 - Rotatividade dos colaboradores vs. Objetivo	51
Figura 14 - Painel de informação na Polisport Plásticos	51

Índice tabelas

Tabela 1- Indicadores da Comissão Europeia para medir a Economia Circular	12
Tabela 2 - Questões e Indicadores da AEA para medir a Economia Circular.....	13
Tabela 3 - Lista de medidas recomendadas para a indústria pela Comissão Europeia ..	20
Tabela 4 - Lista dos indicadores das normas 200, 300 e 400	28
Tabela 5 - Top 20 de vendas por país do grupo Polisport	40
Tabela 6 - Valor económico direto gerado e distribuído do Grupo Polisport	40
Tabela 7 - Média do número de horas de formação por colaborador	53
Tabela 8 - Objetivos económicos 2020	55
Tabela 9 - Objetivos de segurança para 2020	56

Lista Acrónimos

ACCA - Associação de Contadores Licenciados Certificados

AEA – Agência Europeia do Ambiente

APA – Agência Portuguesa do Ambiente

CEO - Chief Executive Officer

EC – Economia Circular

GRI – Global Reporting Initiative

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

P&D – Pesquisa e Desenvolvimento

QAS – Qualidade, Ambiente e Segurança

RH – Recursos Humanos

SILiAmb – Sistema Integrado de Licenciamento do Ambiente

UE – União Europeia

WCED – World Commission on Environment and Development

1. Introdução

1.1. Apresentação do tema

As empresas estão entre os agentes com maiores responsabilidades neste caminho, pelo que devem ser estimuladas a adotar práticas que visem atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) globais. No sentido de enquadrar, monitorizar e guiar as ações nestas temáticas surgiram *frameworks e guidelines* diversas, como por exemplo os relatórios de sustentabilidade. Um relatório de sustentabilidade permite mostrar transparência e o desenvolvimento da empresa ao nível do desempenho económico, social e ambiental da empresa. Além disso é obrigatório, para todas as entidades de interesse público e empresas com mais de 500 trabalhadores, a publicação de um relatório de sustentabilidade.

Uma das áreas que ganhou maior destaque no âmbito da sustentabilidade foi a área ambiental. A área ambiental está relacionada com a proteção e conservação do planeta através da preservação de recursos, proteção da biodiversidade e diminuição dos danos causados ao meio ambiente.

Associado ao contexto da sustentabilidade ambiental, surgiu o conceito de economia circular (EC). O modelo de EC consiste na preservação do valor dos recursos, mantendo-os em uso produtivo durante o máximo de tempo possível e evitando que o mesmo chegue ao fim de vida útil. Neste contexto, esta tese considera o posicionamento de uma empresa em termos de sustentabilidade, dando particular destaque à questão da sustentabilidade ambiental. Sabemos que neste contexto, um dos temas que mais tem sido debatido, é a problemática dos plásticos. O plástico é uma matéria prima que tem recebido bastantes contestações e, que tem estado no centro de diversas polémicas relacionadas com a poluição dos oceanos, a extração de petróleo e com a sua própria gestão como resíduos. Contudo, apesar de todos estes problemas, o plástico continua a ser essencial para a economia devido às suas diversas características que o tornam numa matéria prima desejável por diversas indústrias. Além disso, vivemos atualmente numa sociedade dependente do plástico, pelo que, a eliminação do plástico é uma tarefa impossível. Devem, contudo, ser estudadas novas formas de lidar com esta matéria prima de modo a diminuir o seu impacto ambiental.

Sendo os plásticos um dos principais e atuais causadores dos problemas ambientais, é importante que as empresas que utilizem este material como matéria prima encontrem

formas de produção mais sustentáveis e que mostrem o seu empenho para com a sociedade e o ambiente. Nesta sequência, nesta tese, aborda-se o tema da sustentabilidade, dando particular relevo à questão da sustentabilidade ambiental, numa empresa que tem como matéria prima precisamente o plástico.

1.2. Motivação

O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular de Dissertação/ Projeto/ Estágio, que se enquadra no plano de estudos do segundo e último ano de Mestrado em Economia, durante o qual foi realizado um estágio curricular na empresa Polisport Plásticos, SA.

Durante o estágio, iniciado a 17 de setembro de 2019 e terminado a 16 de abril de 2020, tive a oportunidade de desenvolver o meu trabalho no Departamento de Qualidade, Ambiente e Segurança da empresa. No departamento tive acesso a dados e informações da empresa que foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho.

A escolha deste estágio está relacionada com a oportunidade em si de poder desenvolver um trabalho, ainda que na área de Economia, mas também na área da Gestão e do Ambiente relacionado com a Sustentabilidade como um todo, com a sustentabilidade ambiental e com a Economia Circular em específico. Sendo a Economia Circular uma área que sempre me despertou grande interesse, o objetivo inicialmente seria trabalhar essa mesma área, contudo, após surgir a proposta da empresa em fazer o relatório de sustentabilidade, tive a oportunidade de trabalhar e relacionar ambos os conceitos. Em adição a isto, a Polisport é um Grupo de empresas especializados na produção de acessórios para bicicletas e motos, acessórios estes em que tem como matéria prima o plástico. Deste modo, foi possível, relacionar o tema da sustentabilidade com a EC e com a problemática dos plásticos, sempre num contexto empresarial. Este trabalho destaca-se pelo relacionamento de dois importantes conceitos, a EC e a Sustentabilidade, com o problema que se vive na sociedade atual com os plásticos. Além disso incorpora um relatório de sustentabilidade, mostrando o seu contributo para os conceitos mencionados anteriormente.

1.3. Objetivos

Um dos grandes objetivos do estágio foi o de expandir conhecimento teórico e aplicado sobre os desafios da sustentabilidade e como este é abordado num contexto concreto

empresarial, retirando daí ilações práticas para ação, tornando-se numa forma de aprendizagem ímpar. Um segundo objetivo foi o de perceber de que modo o Grupo Polisport combate o estigma que existe atualmente acerca do plástico, que tipo de iniciativas tem tomado nesse sentido e se tem ambições para diminuir a sua “pegada ambiental” e tornar a sua produção mais sustentável. Perceber ainda quais são os desafios futuros e as barreiras existentes para a gestão do plástico e se a circularidade pode ser uma solução para, não só ajudar-nos a alcançar um desenvolvimento sustentável, como também para combater o problema associado aos plásticos. De um modo mais específico, o presente trabalho teve como objetivos:

- Expandir conhecimento teórico sobre o conceito de Sustentabilidade e aplicá-lo num contexto empresarial;
- Aprender em contexto real a elaborar um Relatório de sustentabilidade;
- Definir o conceito de EC e indicar quais os determinantes que contribuem para a EC;
- Indicar quais os indicadores que permitem medir a EC e quais os benefícios em adotar uma EC;
- Entender qual é a relação e as diferenças entre a EC e a Sustentabilidade;
- Compreender se a EC contribui para a Sustentabilidade;
- Analisar e contextualizar a Problemática dos plásticos;
- Identificar as barreiras existentes à circularidade dos plásticos e as medidas necessárias para combater o problema associado aos plásticos.

1.4. Estrutura do trabalho

Inicialmente é apresentada uma revisão de literatura em que é definido e caracterizado o conceito de Sustentabilidade, Economia Linear e Economia Circular. Em relação à sustentabilidade é explicado como surgiu o conceito, qual a sua definição e as suas principais características, sendo depois analisado o conceito de economia linear e o porquê da necessidade de adoção de um novo modelo económico, a economia circular. Em relação à economia circular, além da definição do conceito, são descritas as suas principais características, os benefícios para a economia e quais os indicadores indicados para a sua medição. De seguida, ainda dentro da revisão de literatura é feita uma comparação entre os dois conceitos (Sustentabilidade e Economia Circular), onde é

analisada a relação e as diferenças entre os mesmos. É também estudada a problemática dos plásticos que continua a ser um problema atual e de grande preocupação, e em que é apresentada a economia circular como uma possível solução para o problema. Por fim, na revisão de literatura, é feita uma introdução aos relatórios de sustentabilidade, explicando a sua utilidade para as empresas e para a economia.

De seguida, na metodologia, é explicado como se criou o relatório de sustentabilidade, quais as regras, os indicadores, os objetivos e os princípios. É ainda apresentado a Global Reporting Initiative (GRI) que dispõe de diversos indicadores que permitem ajudar as empresas a realizar um relatório de sustentabilidade. Explica-se ainda o processo de elaboração do relatório de sustentabilidade da empresa. Os dados utilizados relativos à economia e à área social do Grupo, uma vez que já existiam, foram selecionados com a ajuda dos respetivos departamentos, organizados e por fim incorporados no relatório. Já em relação aos dados ambientais, que nunca tinham sido trabalhados, foi realizado um levantamento dos dados (através de faturas) que foram posteriormente trabalhados e analisados a fim de incorporarem o relatório de sustentabilidade.

No capítulo dos resultados, é apresentado o relatório de sustentabilidade de 2019 do Grupo Polisport, realizado durante o estágio curricular nessa empresa.

Por último é apresentado um capítulo com as respetivas conclusões sobre o relatório, e com interesse para a empresa, assim como sobre o processo, são discutidas limitações e propostas de trabalho futuro.

2. Revisão da Literatura

Em 1972, o mundo reuniu-se em Estocolmo, naquele que se tornaria o 1º encontro internacional onde os problemas ambientais seriam discutidos, a Conferência de Estocolmo. Segundo as Nações Unidas (1972), o objetivo deste encontro foi encontrar princípios comuns que guiassem as pessoas na preservação do meio ambiente. Esta foi a primeira grande conferência das Organizações das Nações Unidas (ONU) sobre questões ambientais internacionais (United Nations, n.d.) e onde os conflitos entre o ambiente e o desenvolvimento foram pela primeira vez reconhecidos (Kates et al., 2005). Na conferência de Estocolmo, as Nações Unidas (1972) declararam que "Um ponto foi alcançado na história em que devemos moldar as nossas ações em todo o mundo com um cuidado mais prudente nas suas consequências ambientais." (parágrafo 6). Mais tarde, as Nações Unidas (2007) reforçaram que é responsabilidade de todos os países contribuir e ajudar na proteção do ambiente, contudo esta responsabilidade varia de acordo com as capacidades do país, ou seja, apesar de terem todos esta responsabilidade as Nações Unidas consideram que devem de ser os países desenvolvidos a liderar e a promover esta responsabilidade.

Nem todos os recursos são renováveis e, devido ao aumento populacional, as necessidades humanas, como a comida, as roupas e a habitação, aumentam cada vez mais, tornando o uso de recursos insustentável (Dernbach, 2003 citado por Mensah & Casadevall, 2019).

2.1. Sustentabilidade

As Nações Unidas criaram em 1983 a World Commission of Environmental Development (WCED), uma comissão independente que foi dirigida pela primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, responsável pela criação de estratégias ambientais de modo a que se alcançasse um desenvolvimento sustentável no ano de 2000. O relatório intitulado de "Our Common Future" (O nosso futuro comum), embora seja também conhecido por Relatório de Brundtland, foi publicado em 1987.

O relatório da WCED (1987) definiu a sustentabilidade como: "a habilidade de assegurar as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades" (parágrafo 27). Contudo, esta definição não foi clara. Kates et al., (2005) mencionam que a definição do relatório de Brundtland levou muitas pessoas a relacionarem o desenvolvimento sustentável com a equidade

intergeracional e não, com o meio ambiente, uma vez que a definição apresentada no relatório de Brundtland não mencionava este aspeto. De acordo com as Nações Unidas (2007) foi em 1992, na Earth Summit, que foram reconhecidos os três pilares essenciais para um desenvolvimento sustentável: a sociedade, a economia e o ambiente. Além disso, é ainda referido que os três pilares eram interdependentes entre si. Ao longo dos anos o conceito tem sofrido alterações por diversos autores. Kuhlman e Farrington (2010) acreditam que houve uma mudança de significado do conceito, já Kates et al., (2005), referem que o conceito foi adaptado a diversos desafios e concluem que “(...) o Desenvolvimento Sustentável representa diversos esforços locais e globais para imaginar e implementar uma visão positiva de um mundo no qual as necessidades humanas básicas sejam atendidas sem destruir ou degradar irrevogavelmente os sistemas naturais dos quais todos dependemos” (p. 20). Ou seja, devem de ser feitos esforços para se alcançar um desenvolvimento sustentável e ainda conseguir satisfazer as necessidades humanas, tudo isto, com uma especial atenção para com o meio ambiente.

O conceito de Sustentabilidade assenta então em três pilares que deverão estar equilibrados: o desenvolvimento social, o desenvolvimento ambiental e o desenvolvimento económico. A sociedade deve reconhecer que o futuro depende do seu comportamento em relação à forma como se consome e produz alimentos, como respeitam o meio ambiente e dos seus valores sociais (Mensah & Casadevall, 2019). Ainda em relação aos três pilares e de acordo com Mensah e Casadevall (2019):

“(...) a sustentabilidade social depende da disponibilidade de sistemas de saúde adequados, paz e respeito pelos direitos humanos, trabalho decente, igualdade de género, educação de qualidade e Estado de direito. A sustentabilidade económica, por outro lado, depende da adoção de uma produção, distribuição e consumo apropriados enquanto que a sustentabilidade ambiental é impulsionada pelo planeamento físico adequado e uso da terra assim como pela conservação da ecologia ou da biodiversidade.” (p.15)

Os três pilares estão relacionados entre si e não podem ser considerados independentes (Strange e Bayley, 2008 citado por Dhahri & Omri, 2018). Por exemplo, segundo Dhahri e Omri (2018), o desenvolvimento económico deve integrar não só a dimensão económica como também a dimensão ambiental e social. Se isto não acontecer o desenvolvimento

económico pode acabar por destruir o ambiente e desrespeitar os direitos da população (Baker, 2006 citado por Dhahri & Omri, 2018). É por isso fundamental que os três pilares estejam interligados entre si, porque, para se alcançar um desenvolvimento sustentável, é importante ter em conta não só a economia como também as pessoas e o planeta.

As crises ambientais levaram ao aumento das preocupações relacionadas com o aquecimento global e com a forma como gerimos os recursos e os resíduos, o que levou a que temas relacionados com a sustentabilidade estivessem cada vez mais presentes nas empresas. Além disso, adotar práticas de negócios sustentáveis numa empresa pode trazer benefícios relacionados com o aumento da produtividade e da criatividade (Bryson, 2017 citado por Chofreh et al., 2019). A procura por um novo modelo económico que, levasse a uma melhoria da gestão de recursos e resíduos, levou a que as empresas começassem a estudar formas de reutilizar os produtos e os materiais (Ellen Macarthur Foudation, 2013), a Economia Circular começou a ser explorada como uma possível solução. Este é um modelo que vai contra o atual modelo de Economia Linear.

2.2. Economia Linear

“O modelo Linear baseia-se no pressuposto de que os recursos naturais estão disponíveis, são abundantes, fáceis de obter e baratos de descartar” (European Environment Agency, 2016, p. 9). É também conhecido como um método de “take-make-dispose”, em que os recursos são extraídos, utilizados para manufacturar um determinado produto, esse produto é depois vendido ao consumidor, e quando deixa de ter utilidade, é deitado fora (Ellen Macarthur Foudation, 2013). Ou seja, isto implica que as empresas estejam constantemente a extrair recursos ao nosso planeta, recursos esses que, na sua maioria, não são renováveis e que, a sua intensiva extração, causa danos e traz desequilíbrios para o meio ambiente.

Segundo a Ellen Macarthur Foundation (2013), o modelo de produção linear causa perdas de recursos, são exemplos os:

- **Resíduos na cadeia produtiva:** perdas de recursos nos campos devido a pragas, perdas durante a produção agrícola devido à baixa eficiência, derramamentos ou vazamentos durante o transporte (agravado por cadeias globais de fornecimento cada vez mais longas), perdas durante o armazenamento e retalho (devido a alimentos que ultrapassam o prazo de validade ou que são armazenados em

condições incorretas), e produtos que são desperdiçados pelos consumidores finais;

- **Resíduos em fim de vida:** a taxa de recuperação dos materiais após o seu fim de vida é bastante baixa em comparação com a taxa de fabricação primária;
- **Uso de energia:** quando um produto é enviado para aterro toda a energia residual do produto é perdida, a incineração e a reciclagem recupera uma parte dessa energia, enquanto que a reutilização de um produto é a opção que economiza mais energia;
- **Erosão dos serviços dos ecossistemas:** a humanidade consome mais recursos do que aqueles que o planeta fornece, tornando o consumo insustentável.

Face a todos estes problemas associados à Economia Linear, e tendo em conta que o aumento populacional leva à extração de cada vez mais recursos, é essencial um novo modelo económico capaz de resolver ou atenuar os atuais problemas associados ao modelo económico atual.

2.3. Economia Circular

O modelo linear é o modelo económico que predomina atualmente na economia, sendo que o modelo de Economia Circular pode ser visto como uma alternativa fundamental para o atual modelo (European Environment Agency, 2016). O consumo atual de recursos não é sustentável (House of Commons, 2014), e para que exista um consumo mais sustentável, a Agência Europeia do Ambiente (2016) refere que isso requer que os países adotem um modelo de EC, que respeite o uso sustentável dos recursos disponíveis na economia e se desviem do atual modelo linear.

A Comissão Europeia (2014) explica que:

“Uma Economia Circular preserva o valor agregado nos produtos pelo máximo de tempo possível e praticamente elimina os resíduos. Ela retém os recursos dentro da economia quando um produto atinge o fim de vida, de modo a que eles permaneçam em uso produtivo e criem mais valor” (p.1).

Também de acordo com a Comissão Europeia (2014), adotar uma Economia Circular pode envolver: a redução do uso de materiais perigosos ou difíceis de reciclar; apostar no

design de produtos que sejam mais fáceis de reparar ou reciclar e aumentar a durabilidade dos mesmos; incentivar a redução e uma melhor separação dos resíduos; criar mercados para o material reciclado; facilitar a simbiose industrial; e encorajar novos modelos de negócios.

No relatório da Agência Europeia do Ambiente (2016) são destacadas as principais características e os fatores determinantes para uma Economia Circular. No que diz respeito às suas principais características o relatório destaca: a diminuição do uso de recursos naturais, a redução da importação de recursos e o melhoramento do uso eficiente desses recursos; o aumento da percentagem da utilização de energias e recursos renováveis; a redução de emissões; a redução de perdas de materiais; e a preservação do valor dos produtos na economia.

Ainda, em relação ao mesmo relatório da Agência Europeia do Ambiente, como fatores determinantes necessários para fazer uma transição para a Economia Circular são referidos os seguintes:

- **Eco-design**, isto é, desenhar produtos que se tornem mais duráveis e mais fáceis de reutilizar, remanufaturar, reciclar ou reutilizar, e que permitam substituir o uso de substâncias perigosas por outras mais sustentáveis;
- **Reparar, reformar e remanufaturar**, permitindo a reutilização dos produtos;
- **Reciclagem**, utilização dos materiais secundários como matéria prima, reciclar o máximo de resíduos possíveis, evitar a contaminação ou misturas de materiais e criar mercados funcionais para o material reciclado;
- **Incentivos económicos e financeiros**, como os mecanismos de financiamento que apoiam abordagens da Economia Circular, aumentar a responsabilidade do produtor e eliminação de subsídios prejudiciais ao meio ambiente;
- **Modelos de negócios** que incentivem a oferta de sistemas de serviço de produto ao invés de propriedade de produto e que apoiam a simbiose industrial;
- **Eco-inovação**, que inclui a inovação tecnológica, social e organizacional;
- **Governança, habilidades e conhecimento** que abrange a educação, o monitoramento de dados e indicadores e a consciencialização sobre mudanças de estilo de vida e consumo.

Também relativamente aos determinantes da EC, Robaina et al., (2020) fazem uma análise a sete determinantes que podem contribuir para a EC de um país:

- *ET (Receitas fiscais ambientais)*, que incluem os impostos relacionados com a poluição, a energia, o uso de recursos e os transportes: pode um aumento dos impostos ambientais resultar num aumento da EC?
- *GERD (Gastos em P&D)*: pode um investimento em P&D levar a uma melhoria na produtividade dos recursos utilizados?
- *IND (Indústria)* e *SERV (Serviços)*: pode a estrutura económica de um país afetar a produtividade de recursos?
- *POP (Densidade populacional)*: pode uma concentração populacional conduzir a um menor consumo de materiais e a uma menor atração de indústrias de materiais intensivos?
- *RECY (Reciclagem)*: um país com uma maior taxa de reciclagem tem automaticamente uma maior produtividade de recursos?
- *REN (Energias Renováveis)*: são as energias renováveis um determinante da EC num determinado país?

Concluem, por fim, que as receitas fiscais ambientais (impostos da energia, dos transportes, da poluição e dos recursos) e uma economia baseada na indústria não contribuem para a EC de um país. Pelo contrário, uma economia estruturalmente baseada nos serviços e uma maior densidade populacional contribuem positivamente para aumentar a eficiência da produtividade de recursos de um país. Relativamente aos outros determinantes estudados no artigo o seu resultado varia de acordo com a taxa de crescimento da produtividade de recursos desse mesmo país. Por exemplo, a reciclagem e as energias renováveis contribuem para a eficiência de um país se o mesmo tiver uma elevada taxa de crescimento, o mesmo não acontece para países de baixo crescimento. Pelo contrário os gastos em P&D têm um impacto positivo para países com uma baixa taxa de crescimento e é insignificante para países com alto crescimento.

O aumento do interesse pela EC faz com que o número de artigos publicados aumente de ano para ano, como podemos confirmar no artigo de Geissdoerfer et al., (2016) que mostra o rápido crescimento no número de artigos relacionados ao tema da economia circular, em que passa de menos de 20 artigos em 2013 para mais de 100 em 2016. Além disso, Kirchherr et al., (2017) relatam que a análise a 114 definições mostra que a EC tem diferentes significados para vários autores, existindo alguns que relacionam a EC à

reciclagem, outros (a maioria) com a política dos 3 R's (reduzir, reutilizar e reciclar) e apenas 1/3 das definições mencionaram uma hierarquia de resíduos.

Apesar das divergências relacionadas com o conceito da EC, o interesse pelo conceito tem permitido uma melhor investigação e interesse pelo assunto, o que acaba por ser benéfico para a economia e para as empresas. A EC pode auxiliar as empresas contra a falta de recursos e com as mudanças de preços (pois não está dependente dos recursos disponíveis no mercado), pode ainda criar novas oportunidades de negócios que levam à criação de novos postos de trabalho, ao mesmo tempo a inovação contribui para o desenvolvimento de formas de produção mais eficientes (Comissão Europeia, 2015).

De acordo com a Comissão Europeia (2020a) não existe um indicador que consiga medir a EC, dado que para medir a circularidade são necessários vários indicadores de diversas áreas, nomeadamente:

- **Gestão sustentável de recursos:** mede o desempenho dos países na transformação das economias em economias mais circulares, diminuindo a procura de recursos;
- **Comportamento social:** mede a participação da sociedade na implementação de uma EC;
- **Operações comerciais:** inclui as atividades eco inovadoras que ajudarão a implementar modelos de negócios que partilham os princípios da EC.

Relativamente aos indicadores essenciais para medir a Economia Circular, o Eurostat apresenta uma lista de 10 indicadores divididos em 4 áreas: Produção e Consumo; Gestão de Resíduos; Matérias-primas secundárias; e Competitividade e Inovação. Os indicadores estão apresentados na seguinte tabela:

Tabela 1- Indicadores da Comissão Europeia para medir a Economia Circular

Produção e Consumo	<ul style="list-style-type: none"> - Autossuficiência de matérias-primas para produção na UE; - Compras públicas ecológicas; - Geração de resíduos; - Desperdício de comida;
Gestão de Resíduos	<ul style="list-style-type: none"> - Taxas de reciclagem; - Fluxos de resíduos específicos (resíduos de embalagens, eletrônicos e orgânicos);
Matérias-primas secundárias	<ul style="list-style-type: none"> - Contribuição de materiais reciclados para a procura de matérias-primas; - Comércio de matérias primas recicláveis entre os Estados-Membros da UE e com o resto do mundo;
Competitividade e Inovação	<ul style="list-style-type: none"> - Investimentos privados, empregos e valor agregado bruto; - Patentes relacionadas à reciclagem e matérias primas secundárias como proxy da inovação.

Fonte: Eurostat

A Agência Europeia do Ambiente (AEA) (2016) adota uma abordagem diferente sobre os indicadores de EC, mesmo comunicando que: “não existe uma forma reconhecida para medir a eficácia da UE, um país ou mesmo para uma empresa a fazer a transição” (p.22). Ao invés de referir quais os indicadores necessários para medir a Economia Circular, a AEA apresenta uma lista de questões em que as suas respostas são essenciais para medir o progresso de uma Economia Circular. A tabela 2 resume essas questões e indica quais os indicadores necessários para a sua medição. Nem todos os indicadores apresentam dados disponíveis, assim que à frente de cada indicador é dada essa informação: dados disponíveis (++) , disponibilidade de dados limitada (+) e dados indisponíveis (-). Como se pode analisar na tabela 2 existem muitos indicadores com falta de dados ou com dados limitados para a sua medição. De todos o mais preocupante é o Eco-design que não apresenta quaisquer dados disponíveis para os seus indicadores e que pode ser considerada uma área importante na transição para a Economia Circular. A AEA (2016) conclui que são necessários dados mais robustos relacionados com o consumo sustentável e com os novos negócios. Já os indicadores do Eurostat foram criados com base na disponibilidade dos dados, enquanto que os da AEA não, prova disso é que muitos indicadores não têm dados disponíveis. No entanto, ambos trabalham indicadores na área do Consumo, da Produção, dos Resíduos, das Matérias-primas e da Inovação

Tabela 2 - Questões e Indicadores da AEA para medir a Economia Circular

Questão	Disponibilidade de dados
– Possíveis Indicadores	
Entrada de materiais	
<i>A entrada de material primário na Europa está a diminuir?</i>	
- Consumo de material doméstico (DMC)	++
- Consumo de matéria-prima (RMC)	++
<i>As perdas materiais na Europa estão a diminuir?</i>	
- Proporção de perdas materiais em ciclos materiais-chave:	+
- Desvio de resíduos para aterros	++
<i>A percentagem de materiais reciclados na entrada de materiais está a aumentar?</i>	
- Percentagem de matérias-primas secundárias no consumo de materiais	+
<i>Os materiais utilizados na Europa são de origem sustentável?</i>	
- Percentagem de materiais certificados como sustentáveis no uso de materiais	+
Eco-Design	
<i>Os produtos são projetados para durar mais?</i>	
- Durabilidade ou vida útil em comparação com a média da indústria para um produto semelhante	-
<i>Os produtos são projetados para desmontagem?</i>	
- Tempo e número de ferramentas necessárias para desmontagem	-
<i>Os materiais reciclados são incluídos no design dos produtos?</i>	
- Proporção de material reciclado em novos produtos	-
<i>Os materiais são projetados para serem reciclados, evitando a poluição dos ciclos de reciclagem?</i>	
- Percentagem de materiais onde existem opções seguras de reciclagem	-
Produção	
<i>Está a Europa a utilizar menos materiais na produção?</i>	
- Material usado para produção comparado com o PIB	+
<i>A Europa está a usar um baixo volume e número de substâncias ambientais perigosas na produção?</i>	
- Entrada de substâncias que são classificadas como perigosas	+
<i>A Europa está a gerar menos resíduos na produção?</i>	
- Geração de resíduos	++
- Geração de resíduos perigosos nos processos de produção	++
<i>As estratégias de negócios estão a mudar para conceitos circulares como a manufatura e as ofertas baseadas em serviços?</i>	
- Envolvimento de empresas em redes de empresas circulares	-
- Participação dos negócios de remanufatura na economia da manufatura	-

(Cont.)	Consumo
<i>Os europeus estão a mudar os padrões de consumo para tipos de bens e serviços menos intensivo em termos ambientais?</i>	
- Pegada ambiental do consumo na Europa	+
- Pegada material por euro gasto	+
<i>Os europeus usam os produtos por mais tempo?</i>	
- Média de vida atual dos produtos selecionados	-
- Quota no mercado de serviços de preparação para reparação e reutilização relacionados à venda de novos produtos	-
<i>O consumo europeu está a gerar menos resíduos?</i>	
- Geração de resíduos	++
Reciclagem de resíduos	
<i>Os resíduos são cada vez mais reciclados?</i>	
- Taxas de reciclagem para diferentes tipos de resíduos/materiais	++
<i>Até que ponto os materiais mantêm o seu valor no processo da reciclagem, evitando a redução de ciclos?</i>	
- Qualidade do material reciclado comparado com a qualidade de material virgem	-
- Rotatividade dos principais materiais recicláveis	+
<i>Até que ponto o sistema de reciclagem europeu é otimizado para a sustentabilidade ambiental e económica?</i>	
- Efeitos ambientais e custos/receitas da gestão de resíduos municipais na Europa	+

Fonte: Agência Europeia do Ambiente (2016)

“As empresas podem ganhar de duas maneiras. Por um lado, a EC oferecerá novos pools de lucro na construção de atividades circulares. Por outro lado, os benefícios da economia circular abordarão vários desafios estratégicos urgentes nos negócios de hoje ” (Ellen Macarthur Foudation, 2013, p. 71). Adotar uma abordagem mais circular pode trazer diversos benefícios económicos tanto para a economia, como para o consumidor/sociedade, como para o ambiente. Os benefícios são:

- **Para a Economia:** novas oportunidades de negócios que impulsionam a inovação, o crescimento da economia e aumentam a competitividade entre as empresas (European Environment Agency, 2016). Uma melhor reutilização e um melhor design dos recursos pode levar à poupança de custos de energia e de materiais (Ellen Macarthur Foudation, 2013) e pode reduzir as externalidades diminuindo a dependência pelos mercados de recursos e pela exposição a choques de preços no mercado de recursos (Ellen Macarthur Foudation, 2013). Pode também tornar mais sustentável a forma como consumimos produtos primários,

conservando os materiais de alta qualidade ou transformando-os em matéria-prima secundária (European Environment Agency, 2016).

- **Para o Consumidor/Sociedade:** a EC leva a que o consumidor adote um comportamento sustentável que traz benefícios para a sua saúde (European Environment Agency, 2016). Os consumidores ganham mais opção de escolha nos produtos (Ellen Macarthur Foudation, 2013), e resulta ainda em novas oportunidades de emprego relacionadas com o crescimento da economia e com a inovação (European Environment Agency, 2016). A sociedade também se beneficia com a melhoria ambiental, que pode ser considerado um benefício secundário social da circularidade (Ellen Macarthur Foudation, 2013).
- **Para o Ambiente:** diminuição do impacto ambiental, esta diminuição está ligada com a redução dos resíduos (sobretudo aqueles enviados para aterro) e com a diminuição da extração de recursos, que por sua vez, vai contribuir para a redução da emissão de gases para a atmosfera (European Environment Agency, 2016).

2.4. Relação entre a Economia Circular e a Sustentabilidade

Para Geissdoerfer et al., (2016) a Economia Circular é uma condição da Sustentabilidade, além disso, no artigo, os autores destacam várias diferenças entre os dois conceitos, como por exemplo: (i) a origem dos conceitos: a Economia Circular é um conceito que emergiu mais recentemente enquanto que a Sustentabilidade aparenta ser um conceito mais antigo; (ii) os objetivos associados aos dois conceitos: para a EC o objetivo é ter um ciclo fechado (closed loop) em que os desperdícios são eliminados, enquanto que a sustentabilidade é mais aberta e os seus objetivos dependem dos agentes e dos seus interesses e (iii) a motivação dos dois é diferente: para a EC a sua motivação vai de encontro a um melhor uso dos recursos, de modo a diminuir as emissões e os desperdícios enquanto que para a Sustentabilidade a sua motivação é diversa e pode adaptar-se a diferentes contextos, beneficiando a área social, económica e ambiental.

Segundo Kitchherr et al., (2017) mostram que a ligação entre a EC e o desenvolvimento sustentável é fraca, o que é apoiado por Geissdoerfer et al. (2016) quando afirma que os dois conceitos são usados em diferentes contextos e propósitos, mesmo acreditando que eles compartilham preocupações ao nível da tecnologia, da produção industrial e do consumo. Além disso, embora a sustentabilidade integre o lado económico, ambiental e social, muitos autores afirmam que a EC não integra o social do mesmo modo que integra

o económico e o ambiental. Murray et al., (2017) referem que existem benefícios para a sociedade relacionados com a melhoria ambiental, contudo, a EC não é clara na forma como pode levar a uma sociedade mais igualitária, quer seja ao nível da igualdade social, de raça, de oportunidade ou de género. Muitos autores vêm a Economia Circular como uma forma de alcançar prosperidade económica (Kirchherr et al., 2017) e inexistente na dimensão social (Murray et al., 2017) .

Além da ausência da vertente social na EC, muitos outros autores relatam mais aspetos negativos. Em relação à reciclagem, Anderson (2007) indica que uma economia circular não pode promover a reciclagem para sempre, porque à medida que aumentamos a reciclagem, as vantagens da mesma são cada vez cada vez mais difíceis de alcançar. Além disso, para Allwood (2014) a reciclagem pode não ser a melhor opção para alguns materiais, mas uma EC pode ser alcançada se a procura por produtos estabilizar e, em vez de ter a circularidade como objetivo, o objetivo passar a ser reduzir a procura e aumentar a reutilização dos produtos.

Murray et al., (2017) referem que a Economia Circular pode ter objetivos demasiado simples e consequências não intencionais, por exemplo, atividades sustentáveis podem trazer resultados negativos para o meio ambiente. Por exemplo, o combustível verde levou à desflorestação de grandes áreas florestais para a plantação de óleo de palma (Fitzherbert et al., 2008 citado por Murray et al., 2017), a dependência da tecnologia verde por metais raros, em que, a extração desses metais causa problemas ambientais (Zhang, 2000 citado por Murray et al., 2017) e a procura por biocombustível que contribui também para a desflorestação, uma vez que, áreas de floresta são utilizadas para a plantação de soja que resulta na produção de biocombustíveis (Farigone et al., 2008 citado por Murray et al., 2017). Os mesmos autores referem também que a longevidade do produto nem sempre é a melhor opção ecológica, pois muitos desses produtos são difíceis de desmontar para reciclar e acabam por consumir mais energia do que aqueles com um ciclo de vida mais curto, mas que são mais fáceis de desmontar.

2.5. Problemática dos Plásticos

Hoje em dia, “a forma como os plásticos são atualmente produzidos, utilizados e eliminados não permite, com demasiada frequência, captar os benefícios económicos de uma abordagem mais “circular” e prejudica o meio ambiente” (Comissão Europeia, 2018, p. 1). Entre 1950 e 2015, 60% do plástico produzido foi deitado fora, o que corresponde

a uma quantidade de 4.900 milhões de toneladas, sendo que grande parte acabou em aterros ou no meio ambiente (Azoulay et al., 2019). Contudo, o plástico é essencial para a economia pois possui diversas características desejáveis para a indústria, tais como a durabilidade e a sua versatilidade, que o permite ser usado para diversas aplicações e produtos (Paletta et al., 2019). Além disso, a indústria do plástico é muito importante para a economia, além de empregar 1,5 milhões de pessoas, gerou um volume de negócios de 340 mil milhões de euros em 2015 só na UE (Comissão Europeia, 2018). Pelo que devem de ser encontradas soluções para lidar com toda a problemática envolvente aos plásticos.

O estudo de Paletta et al., (2019) tem como objetivo discutir a aceleração da economia circular nos sistemas de materiais baseados em plásticos. Para tal investiga diversas empresas conversoras de plástico, da região de Emilia Romagna em Itália, entre os anos de 2012 e 2018. Durante o estudo é realizada uma investigação quantitativa para explorar as barreiras e os desafios à circularidade dos plásticos, e são identificadas quatro barreiras principais: as técnicas e tecnológicas, as legislativas, as económicas e as socioculturais. A mesma investigação é realizada sob 2 perspetivas: uma perspetiva que analisa o ponto de vista dos conversores de plástico, analisando as barreiras à fabricação de produtos feitos através de plástico reciclável (microescala) e outra perspetiva que abrange uma análise mais ampla, envolvendo as partes interessadas na cadeia de valor do plástico, ou seja, mais ao nível da empresa (mesoescala).

Ao nível da microescala existem:

- **Barreiras tecnológicas** que se encontram relacionadas com a manufaturação, podem afetar tanto ao nível do produto como dos processos, sendo os problemas da qualidade do plástico reciclado a principal preocupação, destacando-se a falta de conhecimento da composição do plástico reciclado;
- **Barreiras legislativas** que se devem à Regulação REACH, que de acordo com a Agência Portuguesa do Ambiente (2012) regista, avalia, autoriza e restringe as substâncias químicas, e à Diretiva RoHS que segundo a Comissão Europeia (2020b) corresponde a uma legislação da UE que restringe o uso de substâncias perigosas em determinados produtos.
- **Barreiras económicas** relacionadas com a disponibilidade de polímeros e o elevado custo do material de boa qualidade;

- **Barreiras sociais e culturais** devido à hostilidade existente em relação a produtos e materiais inovadores.
- **Outras barreiras** relacionadas com a proibição do uso de plástico reciclado em certos produtos.

Ao nível da mesoescala, ou seja, ao nível da empresa, existem:

- **Barreiras técnicas e tecnológicas**, em que a baixa qualidade do plástico reciclado leva ao uso contínuo de plástico não reciclado. Também a dificuldade de separar/desmontar as peças dos produtos é uma barreira porque leva à rejeição de material que poderia ser reciclado;
- **Barreiras económicas** que estão relacionadas com os preços pouco competitivos do plástico reciclado em função aos do plástico virgem e também relacionadas com o custo de gestão de resíduos do mesmo. Também a falta de um volume constante de resíduos de plástico no mercado e a dificuldade em gerir estas irregularidades de volume causam custos adicionais que consequentemente causam vulnerabilidade no mercado;
- **Barreiras sociais** que estão associadas ao desinteresse dos clientes por compras sustentáveis, e ao ceticismo dos fabricantes em relação o uso de resíduos como um recurso;
- **Barreiras culturais** ligadas ao próprio estilo de vida e mudanças nos padrões de vida dos consumidores. Muitos consumidores preferem um produto que seja de fácil uso ou de preço mais baixo, do que um que ajude a reduzir o impacto ambiental;
- **Barreiras legislativas**, pois de acordo com os autores do artigo, as atuais regulações não suportam adequadamente o uso de plásticos secundários. Também a relação entre químicos, resíduos e produtos tem uma legislação pouco harmonizada.

O artigo realça ainda quais os desafios futuros para circularidade do plástico, é exemplo: o baixo uso de plástico reciclado quando comparado com o de plástico virgem; a dificuldade em encontrar plástico reciclado de boa qualidade e a preços competitivos; o baixo número de testes de desempenho realizados que são menos do que aqueles realizados a plástico virgem; a contaminação deste tipo de plástico que continua a ser um desafio e também as baixas quantidades de plásticos fabricados de acordo com certas especificações e a preço competitivo, que não vão de encontro ao necessário para a

indústria dos processadores de plásticos que requer grandes quantidades de plástico a um preço competitivo e fabricado com determinadas especificações. Indica ainda que para ultrapassar estes desafios são necessárias algumas alterações no mercado, tais como: aumentar o mercado da reciclagem; estabelecer uma melhor conexão entre os recicladores e os conversores de plástico (com o intuito de maximizar a procura); melhorar o sistema de recolha, triagem e gestão dos resíduos que são essenciais para maximizar a reciclagem de plástico e integrar neste sistema o eco design dos produtos que permite uma separação mais eficiente; substituir os polímeros que não são recicláveis por outros mais sustentáveis; e, por fim, criar novas ideias, inovações e abordagens que permitam criar uma economia mais circular. O mesmo artigo conclui que, de modo a que o plástico nunca se torne um resíduo na economia, é necessário repensar o design e o processo dos produtos e fazer esforços para evitar a contaminação do plástico nos solos e oceanos (visto que haverá sempre plásticos que não podem ser reciclados). A sustentabilidade deve também passar a ser parte das empresas, além disso, as empresas da UE e dos EUA devem de assumir a liderança neste tipo de economia, porque é na UE e nos EUA que se encontram as empresas que são mais relevantes para a indústria do plástico.

De acordo com Robaina et al., (2020) a eficiência de um país está relacionada com “(...) uma melhor gestão geral do plástico em termos de menor desperdício, maior reciclagem e recuperação, mas mantendo ou melhorando o crescimento económico (...)” (p. 9). Ou seja, o crescimento económico de um país é um fator importante no que diz respeito à eficiência. Aqueles países que são mais eficientes, são eficientes devido ao seu grande crescimento económico e à sua alta taxa de recuperação e de reciclagem de resíduos, conseguindo dessa forma uma economia mais circular, mesmo que a forma como esses resíduos sejam geridos seja ineficiente. Também o capital parece ter um papel importante para a eficiência de um país, países mais eficientes investem mais nas atividades de recuperação e de reciclagem, tornando a economia mais circular. Além disso, a reutilização e reciclagem de resíduos requer tecnologia, este por sua vez requer capital, o que acaba por tornar o acesso ao capital uma barreira à eficiência. Em suma, para um país ser eficiente tem de ter em conta não só uma boa gestão dos resíduos como também um bom crescimento económico. De acordo com a Comissão Europeia (2018), em 2015, a UE tinha adotado um plano de ação para a Economia Circular, e foi nesse plano que identificaram os plásticos como uma prioridade. Em 2018 a Comissão Europeia publicou

o plano de ação para os Plásticos na UE (“Uma Estratégia Europeia para os Plásticos na Economia Circular”), que incluiu futuras medidas e ações direcionadas para a indústria e para as autoridades nacionais, tais como:

- Melhorar a economia e a qualidade da reciclagem de plásticos;
- Reduzir os resíduos de plástico e o lixo;
- Condução de investimentos e da inovação rumo a soluções circulares;
- Mobilizar a ação mundial.

Na tabela 3 é apresentada uma lista com essas mesmas medidas e ações concretas para a indústria.

Tabela 3 - Lista de medidas recomendadas para a indústria pela Comissão Europeia

Medidas para melhorar a economia e a qualidade da reciclagem de plásticos
<ul style="list-style-type: none">• Tomar medidas concretas para melhorar o diálogo e a cooperação ao longo da cadeia de valor, em particular no que respeita à conceção de materiais e produtos;• Assumir compromissos voluntários para apoiar os objetivos da estratégia, em particular no que respeita à utilização de plástico reciclado;
Medidas Essenciais para reduzir os resíduos de plástico e o lixo
<ul style="list-style-type: none">• Promover as alternativas existentes aos produtos de plástico descartáveis (por exemplo, no setor da restauração e Take away), sempre que sejam mais benéficas para o ambiente;• Obter e implementar acordos interprofissionais com o objetivo de reduzir a libertação de microplásticos no ambiente;• Pôr em prática medidas para evitar as perdas de partículas de plástico;
Medidas essenciais para conduzir os investimentos e a inovação rumo a soluções circulares
<ul style="list-style-type: none">• Aumentar o investimento em infraestruturas e em I&D nos domínios de interesse direto para a consecução do objetivo da estratégia;• Contribuir para os trabalhos destinados à criação de um fundo de investimento privado para compensar as externalidades ambientais da produção de plásticos;
Medidas essenciais para mobilizar a ação a nível mundial
<ul style="list-style-type: none">• Desempenhar um papel ativo no apoio a uma economia circular dos plásticos integrada e transfronteiras, nomeadamente através da elaboração de um protocolo mundial relativo aos plásticos.

Fonte: Comissão Europeia (2018) – Anexo II

O plástico tem um papel importante na sociedade de hoje, está presente no dia-a-dia em diversas formas e além disso o setor emprega milhares de pessoas e gera elevados volumes de negócios o que o torna essencial para a economia. Há a necessidade, contudo, de solucionar os problemas que o mesmo acarreta para o planeta e para a saúde pública e, encontrar soluções que permitam o uso contínuo desta matéria prima, mas de uma forma mais sustentável. Os desafios associados à produção e ao consumo do plástico pode tornar-se numa oportunidade de negócio para a indústria europeia e que pode tornar a indústria mais competitiva (Comissão Europeia, 2018).

2.6. Relatório de Sustentabilidade

Um relatório de sustentabilidade consiste na publicação de informação qualitativa e quantitativa relacionados com o desempenho económico, ambiental e social da empresa (KPMG, 2002 citado por Daub, 2005). Para ajudar as empresas a relatar e a preparar um relatório de sustentabilidade, foram criados diretrizes e indicadores, como é exemplo as da Global Reporting Initiative (GRI). “Os relatórios de sustentabilidade baseados nas normas da GRI devem de fornecer uma representação equilibrada e razoável das contribuições positivas e negativas de uma organização para a meta de desenvolvimento sustentável” (Global Reporting Initiative, 2019a, p. 6). Criado em 1997, o seu objetivo é dar à empresa indicadores que a permitam apresentar uma visão mais clara dos seus impactos (Marimon et al., 2012).

No ano de 2017, passou a ser de cariz obrigatório o relato de informação não financeira por parte de certas empresas e entidades na União Europeia. De acordo com o decreto-Lei, presente no Diário da República (2017):

“As grandes empresas e as empresas-mãe de um grande grupo, que tenham o estatuto legal de entidades de interesse público e que tenham em média mais de 500 trabalhadores, devem apresentar anualmente uma demonstração não financeira, incluída no relatório de gestão ou apresentada num relatório separado, elaborada pelos seus órgãos de administração, contendo as informações não financeiras bastantes para uma compreensão da evolução, do desempenho, da posição e do impacto das suas atividades, referentes, no mínimo, às questões ambientais, sociais e relativas aos trabalhadores, à igualdade entre mulheres e homens, à não discriminação, ao respeito dos direitos humanos, ao combate à corrupção e às tentativas de suborno.” (4º parágrafo)

Ou seja, todas as entidades de interesse público e todas as empresas com mais de 500 trabalhadores, são hoje, obrigadas a apresentar anualmente um relatório de sustentabilidade.

Existe uma tendência das empresas em adotar a GRI nos seus relatórios de sustentabilidade, o que sugere que as empresas estão adotando a iniciativa, contudo, a percentagem de empresas continua a ser pequena quando comparada com o número de empresas que existe no mundo. Os indicadores da GRI fornecem informações qualitativas e quantitativas sobre a forma como a empresa conseguiu melhorar o seu lado económico, social e ambiental durante o ano em questão (Daub, 2005).

Mas de que forma os relatórios de sustentabilidade contribuem para a EC e para a Economia em geral?

Através da publicação de um relatório, uma empresa da UE pode contribuir para os objetivos da ONU para alcançar um desenvolvimento sustentável (Global Reporting Initiative, 2013).

Um melhor monitoramento de desempenho, que ajuda a empresa a pensar a longo prazo, a impor mais disciplina e a atrair talento (as gerações mais novas relacionam-se mais com negócios sustentáveis), e a atenção para práticas sustentáveis são alguns dos benefícios que a ACCA (2013) destaca. Além destes benefícios, a GRI (2013), menciona outros, tais como:

- Ajudar a comunicar informação de gestão de riscos aos investidores, ou seja, melhor comunicação;
- Permitir que as empresas contribuam para a construção de uma economia verde;
- Ajudar uma empresa a comunicar aspetos relacionados com a sociedade, a economia e o ambiente;
- Aumentar a consciencialização sobre os riscos e as oportunidades do negócio;
- Influenciar a estratégia a longo prazo e os planos de negócios;
- Simplificar processos, aumentar a eficiência e reduzir custos;
- Aumentar a inovação e a competitividade do mercado;
- Criar postos de trabalho, através da necessidade de a empresa contratar pessoas para dar suporte e gerir o sistema de reporte;
- Tornar as empresas mais transparentes, que por sua vez, cria confiança e aumenta o valor da marca que é essencial para o bom funcionamento do mercado.

Segundo a GRI (2019b), em relação à economia circular, os relatórios de sustentabilidade podem ajudar a acelerar a mudança para uma EC, e para o fazer, as empresas precisam de olhar para os resíduos de uma outra forma e transformá-los em oportunidades. Aqui, os Relatórios de sustentabilidade têm um papel importante. A GRI (2019b) pretende rever os indicadores relacionados com os resíduos, de modo a que as empresas analisem os seus processos de gestão de resíduos de uma forma mais crítica, permitindo à empresa perceber o seu progresso e atingir objetivos sustentáveis.

3. Metodologia

No sentido de analisar a postura da empresa em estudo em relação às questões da sustentabilidade, foi decidido desenvolver um relatório de sustentabilidade no contexto real. Este exercício permitiu não só avaliar a postura da empresa, como também identificar áreas de ação. Simultaneamente, permitiu à aluna expandir os seus conhecimentos sobre conceitos teóricos e académicos e aplicá-los *in situ* num contexto real.

3.1 Enquadramento usado

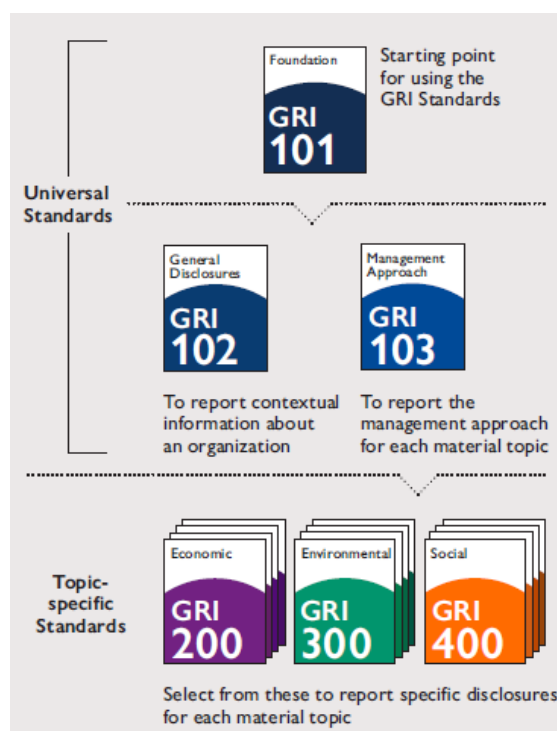
Para a realização do relatório de sustentabilidade foram seguidos os indicadores disponibilizados pela GRI, tendo como base de apoio no documento “Conjunto consolidado de padrões GRI do relatório de sustentabilidade 2019”.

De acordo com esse documento, os indicadores são compostos por padrões universais e tópicos específicos. Os padrões universais incluem três padrões: GRI 101 – Fundação (*Foundation*); GRI 102 – Divulgações gerais (*General Disclosures*); e GRI 103 – Abordagem gerencial (*Management Approach*). Os padrões tópico-específicos são divididos em três áreas: a económica (GRI 200), a ambiental (300) e a social (400) e, são usados para descrever informações sobre os impactos de uma organização relacionados com essas áreas.

Pela figura 1 é possível observar que as normas GRI 101, GRI 102 e GRI 103 fazem parte das normas universais e as normas GRI 200, GRI 300 e GRI 400 pertencem às normas específicas. Existem, portanto, três normas universais para auxiliar na redação do relatório de sustentabilidade, são elas:

- GRI 101 – *Foundation*: é o primeiro ponto a ter em conta para começar a reportar, esta norma fornece informação essencial sobre como utilizar os indicadores GRI.
- GRI 102 – *General disclosures*: fornece uma visão geral da empresa e que ajudam as partes interessadas a perceber os impactos sociais, ambientais e económicos da empresa.
- GRI 103 – *Management Approach*: inclui os requisitos gerais para relatar a abordagem de gestão para tópicos importantes.

Figura 1- Visão geral do conjunto de normas da GRI



Fonte: GRI (2019a)

No padrão universal da GRI 101 são apresentados os princípios que um relatório de sustentabilidade deve de respeitar de modo a apresentar um relatório de alta qualidade. Para definir o conteúdo do relatório, um relatório de sustentabilidade deve ter:

- Inclusividade do Stakeholder (*Stakeholder inclusiveness*): a organização deve identificar os seus *stakeholders* e explicar de que forma responde às suas expectativas e interesses;
- Contexto de sustentabilidade (*Sustainability context*): o relatório deve expor o desempenho da organização no que diz respeito à sustentabilidade;
- Materialidade (*Materiality*): O relatório apresentado deve refletir os impactos da organização na sociedade, no ambiente e na economia e ainda influenciar as decisões dos *stakeholders*;
- Integralidade (*Completeness*): O relatório deve incluir os tópicos materiais de modo a que sejam suficientes para refletir impactos económicos, sociais e ambientais e permitir que os *stakeholders* avaliem o desempenho da organização durante o período do relatório.

Já para definir a qualidade de um relatório, este deve de ter:

- Precisão (*Accuracy*): As informações presentes no relatório devem ser precisas para que os *stakeholders* possam avaliar o desempenho da empresa;
- Equilíbrio (*Balance*): As informações devem refletir tanto os aspectos positivos da empresa como os aspectos negativos;
- Clareza (*Clarity*): As informações devem ser apresentadas de uma forma compreensiva e acessível aos *stakeholders*;
- Comparabilidade (*Comparability*): As informações devem ser trabalhadas e selecionadas de uma forma consistente e apresentadas de uma forma que permita os *stakeholders* analisar as mudanças de desempenho;
- Confiabilidade (*Reliability*): Deve coletar, registrar e trabalhar as informações e processos usados na preparação do relatório;
- Oportunidade (*Timeliness*): A organização deve apresentar um relatório regular de modo a que os *stakeholders* tenham acesso à informação antes de tomarem decisões.

Ainda dentro deste capítulo é referido que o relatório de sustentabilidade pode ser preparado segundo duas opções: a opção *Core* (principal) ou a opção *Comprehensive* (detalhada), e que, a organização deve de mencionar no relatório qual das duas foi usada para o preparar. Na opção *core* o relatório apenas contém o mínimo da informação necessária, enquanto que, a outra opção tem por base a informação da *Core* mas, adicionalmente, exige a divulgação de informação adicional. No final, a empresa deve ainda de notificar a GRI pelo uso das normas GRI. Esta notificação pode ser feita por email ou registando o relatório no site indicado. É importante também referir que de acordo com o indicador 102-55 o relatório deve incluir um índice com o conteúdo relativo a cada norma e divulgação.

No padrão universal 102, existem diversos tópicos que fornecem uma visão geral da organização e que devem de ser expostos no relatório. São 56 tópicos que retratam a organização estrutural da empresa, a sua estratégia, a sua ética e integridade, a sua governança e o envolvimento dos *stakeholders*. Nem todos eles têm obrigatoriamente de estar expressos no relatório, existem exceções de acordo com qual das opções (*core* ou *comprehensive*) a organização escolher relatar.

O último padrão universal, GRI 103, apresenta os requisitos necessários para uma organização reportar os tópicos mais importantes. Em particular, este padrão assenta no tópico material, na aplicação do tópico e dos seus limites, da abordagem de gestão dos seus componentes e de como avalia a abordagem de gestão.

As séries das normas 200, 300 e 400 incluem vários tópicos específicos para uma organização reportar. Na tabela 4, é apresentada a lista de tópicos que integram cada uma das três normas.

Tabela 4 - Lista dos indicadores das normas 200, 300 e 400

GRI 200	Económico
GRI 201	Desempenho Económico
GRI 202	Presença no mercado
GRI 203	Impactos Económicos Indiretos
GRI 204	Práticas de Compras
GRI 205	Anticorrupção
GRI 206	Comportamento anticompetitivo
GRI 207	Impostos
GRI 300	Ambiental
GRI 301	Materiais
GRI 302	Energia
GRI 303	Água e efluentes
GRI 304	Biodiversidade
GRI 305	Emissões
GRI 306	Efluentes e resíduos
GRI 307	Conformidade ambiental
GRI 308	Avaliação ambiental do fornecedor
GRI 400	Social
GRI 401	Emprego
GRI 402	Relações entre os trabalhadores e a governança
GRI 403	Saúde e segurança ocupacional
GRI 404	Treino e educação
GRI 405	Diversidade e igualdade de oportunidades
GRI 406	Não-discriminação
(Cont.)	

GRI 407	Liberdade de associação e negociação coletiva
GRI 408	Trabalho infantil
GRI 409	Trabalho forçado ou obrigatório
GRI 410	Práticas de segurança
GRI 411	Direitos Indígenas
GRI 412	Avaliação de direitos humanos
GRI 413	Comunidades locais
GRI 414	Avaliação social do fornecedor
GRI 415	Política pública
GRI 416	Saúde e segurança do trabalhador
GRI 417	Marketing e rotulagem
GRI 418	Privacidade do cliente
GRI 419	Conformidade Sócio Económica

Fonte: GRI (2019a)

3.2 Processo de recolha de dados e elaboração do relatório

Como visto anteriormente, o relatório de sustentabilidade foca-se no relato de três áreas dentro da empresa: a área do ambiente, a social e a da economia. Seguindo as diretrizes da GRI, seguiu-se o processo de recolha e organização dos dados que foram posteriormente utilizados para o relato da sustentabilidade.

Relativamente aos dados sociais do Grupo Polisport, a maioria dos mesmos foram fornecidos pelo departamento dos Recursos Humanos (RH) e de Auditoria Interna, por exemplo: informações sobre os colaboradores (número e género, benefícios, formação, rotatividade, comunidade e gestões laborais). Os dados relativos a acidentes de trabalho, saúde e segurança dos colaboradores foram disponibilizados pelo departamento QAS e aqueles relacionados com os produtos e clientes, pelo departamento de Marketing.

Em relação à área económica, os dados relativos ao valor económico gerado e distribuído, volume de negócios e outros tipos de gastos, foram pedidos ao departamento financeiro. Já a informação relacionada com os fornecedores proveio do departamento de Compras e aquela relativa à ética, dos RH. Dados relativos aos processos de avaliação de risco e vendas foi solicitada ao departamento de Auditoria Interna do Grupo.

Os dados ambientais, uma vez que nunca tinham sido trabalhados e analisados, foi da responsabilidade da aluna proceder à sua recolha, tratamento e análise dos mesmos. Este processo foi feito na sua maioria através da análise de faturas, de gás, água e eletricidade,

de onde foi retirada informação relativamente aos consumos e às emissões de CO2. Já os dados relativos aos resíduos, existia previamente no Grupo uma base de dados dos mesmos, pelo que foi apenas necessário organizar e analisar esses dados de modo a poderem ser utilizados no relatório.

Do *site* do Grupo Polisport foi retirada a informação sobre a história do Grupo, áreas de negócio e principais produtos.

Relativamente à mensagem do CEO do Grupo, Pedro Araújo, a mesma foi redigida pela equipa de marketing, sendo mais tarde aprovada pelo próprio e inserida no relatório.

Apesar de todo o auxílio por parte de diversos departamentos do Grupo Polisport, existiram tópicos da GRI que não foram relatados devido à falta de dados na empresa.

No capítulo seguinte é apresentado o relatório de sustentabilidade do ano de 2019 do Grupo Polisport.

4. Resultados – Relatório de Sustentabilidade

Relatório de Sustentabilidade 2019 Grupo Polisport



Este relatório segue os indicadores da Global Reporting Initiative (GRI).



4.1. Introdução

O ano de 2019, foi um ano de muitas oportunidades para o nosso Grupo. Foi um ano em que decidimos juntar-nos a muitas outras empresas na luta por um desenvolvimento sustentável. Decidimos, portanto, publicar o nosso primeiro relatório de sustentabilidade. Este relatório mostra o empenho do nosso grupo em alcançar uma economia, uma sociedade e um ambiente mais sustentável. Queremos mostrar que uma empresa que tenha como plástico a sua principal matéria prima consegue ter uma produção sustentável e, ainda, dar o seu contributo para o ambiente e a sociedade. É nosso objetivo mostrar aos nossos colaboradores que as causas ambientais têm grande importância para as nossas empresas e que estamos empenhados em diminuir a nossa pegada ambiental.

Inicialmente, é apresentada uma mensagem do CEO, e Presidente, do Grupo Polisport, Pedro Araújo, na qual deixa o seu testemunho relativamente à sustentabilidade das empresas e ao próprio relatório. É em seguida apresentado um capítulo onde damos a conhecer a nossa história, os nossos produtos, áreas de negócio e principais marcas. O corpo do relatório encontra-se organizado de acordo com os três pilares da sustentabilidade, a economia, o ambiente e a sociedade, onde são descritas as informações essenciais correspondente a cada área relativamente ao ano de 2019. Estão também expostos os objetivos do nosso grupo para o próximo ano civil de 2020.

Este relatório foi elaborado de acordo com as diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI) e segue a estrutura da opção core. Também informámos que, apesar de este ser um relatório do Grupo Polisport, nem todas as empresas pertencentes ao Grupo entram neste relatório. Pelo que os dados aqui apresentados correspondem apenas às seguintes empresas: Polisport Plásticos (incluindo os armazéns do CLM e da Bobike), Polinter, Polisport Molds, Headgy Helmets e Polipromotion.

4.2. Mensagem CEO

O percurso da Polisport, desde a sua criação, tem sido marcado pela vontade de fazer sempre melhor. O ano de 2019 não foi exceção. Mantivemos o nosso compromisso com a qualidade, com a inovação, com a tecnologia e, substancialmente, com as pessoas. Na Polisport, valorizamos o fator humano para que seja o principal foco determinante do nosso sucesso e das nossas conquistas.

Vivemos tempos desafiantes que nos incentivam à conexão entre empresa e pessoas, onde todos temos um papel preponderante numa vida cada vez mais sustentável. Desta forma, está enraizada na nossa consciência coletiva, a relevância e o contributo do trabalho de cada um de nós. Este aspeto não é novo para a Polisport; faz parte do nosso ADN desde o início. Mantemos como valores comuns a todo o Grupo o investimento nas competências dos nossos colaboradores e na nossa capacidade tecnológica, promovendo uma cultura interna com base na orientação para o cliente e na inovação e criatividade de todos os processos que, de forma direta ou indireta, participamos.

Em 2019, focamos três pontos essenciais para a Polisport e trabalhamos em cada um deles: ambiente, económico e social. Ao nível do ponto do ambiente reduzimos em 3% o consumo de água, 18% na redução de resíduos, 5% na eletricidade e 27% em emissões de CO₂. Ao nível económico obtivemos receitas que rondam os 30.000.000 € e investimos 1.900.000€. Ao nível social, em 2019 aumentamos a contratação de colaboradores, perfazendo assim um total de 389, e trabalhamos na melhoria dos benefícios oferecidos aos colaboradores. Todos os nossos colaboradores usufruem das mesmas condições de benefícios sociais, com exceção daqueles que perfazem um total de três anos ou atingem a efetividade na empresa. Valorizamos ainda, a comunicação interna para que todos os nossos colaboradores a considerem clara e sem espaço a segundas interpretações. Os nossos colaboradores são a essência do Grupo, dessa forma, é com eles e para eles que investimos.

Para 2020, os nossos objetivos sociais estão focados nos nossos colaboradores, uma vez que são eles a essência do Grupo e o principal motor de todos os processos. Ao nível da Comunidade Local, manteremos os leilões solidários, o apoio a instituições e a promoção de práticas sociais essenciais, como a doação de sangue.

Manteremos as nossas políticas ambientais, reforçando a formação interna de comportamento sustentável e, conseqüente sensibilização, dos nossos colaboradores relativamente à separação de resíduos. Aumentamos assim, o empenho e o desempenho

do Grupo Polisport, transmitindo aos colaboradores os objetivos da nossa responsabilidade ambiental.

Em 2020 pretendemos focar-nos e desenvolver temas como as energias renováveis e acessíveis, bem como a produção e consumo sustentáveis. Temos como objetivo fazer parte da sustentabilidade do planeta, dando, por isso, primazia a várias ações que a alavanquem. A procura pela inovação e o desenvolvimento de produtos e processos sustentáveis será sempre um ponto-chave do nosso modus operandi, bem como a valorização do trabalho dos nossos colaboradores e a oferta das melhores condições de trabalho.

Em suma, segue o nosso relatório de sustentabilidade relativo ao ano de 2019 e o conjunto de ações que iremos adotar para que a nossa preparação para o futuro seja exímia.

CEO & Presidente, Pedro Araújo

4.3. Grupo Polisport

Fundado em 1978, o Grupo Polisport foi criado pelo seu atual CEO, Pedro Araújo. Desde essa altura que o Grupo se especializou no mercado das duas rodas e, tem vindo desde aí, a inovar e a internacionalizar a marca Polisport.

Atualmente o Grupo encontra-se focado no mercado de acessórios para bicicletas e motos off-road (motas de todo o terreno) e marca presença em mais de 70 países, estando estabelecido como líder de mercado.

Constituído por cerca de 385 colaboradores e distribuídos por 6 empresas (não inclui a Polistar), estas empresas permitem trabalhar as diversas marcas, produto e quase a totalidade do processo produtivo. O Grupo consegue exportar 95% da sua produção.



Polisport Plásticos, S.A. (Sede)



Polinter S.A.



Polisport Molds, Lda



Headgy Hemets, S.A.



Bobike



Polipromotion, S.A.



Polistar Brasil

Em 2014 o nosso Grupo tomou a decisão de se expandir para o mercado brasileiro, e, com vista a ter uma unidade nesse mercado, estabeleceu um joint venture com um produtor local, criando a Polistar Brasil.

O interesse neste mercado proveio do crescimento do mercado brasileiro, do crescimento das vendas da Polisport e do interesse de grandes empresas mundiais nesse mesmo mercado.

Esta nova unidade no Brasil não foge à regra e abrange as mesmas áreas de produção, como os acessórios para bicicleta e off-road.

OFF-ROAD

Na área ligada às motos de todo o terreno (off-road), o Grupo desenvolveu o seu negócio e marca focando-se nas peças plásticas de substituição para motos. Todo o trabalho desenvolvido permitiu que a Polisport se tornasse numa das



Fonte: Polisport

marcas mais prestigiadas desta área. Em termos de produtos conseguimos destacar os kits de plástico como principal produto de destaque, sendo acompanhado por proteções para motos e outros tipos de acessórios que auxiliam e facilitam a manutenção e utilização da moto.

BICICLETA



Fonte: Polisport

No mercado das bicicletas somos líderes mundiais na produção de cadeiras de criança para bicicletas, produto que é ainda hoje a imagem da marca Polisport. Também é hoje o nosso produto mais vendido, atingindo vendas no valor de mais de meio milhão por ano. Além das cadeiras para bicicleta, o nosso portfólio conta ainda com outros produtos na gama das bicicletas, como guarda-lamas, bidons, capacete e outros.

Expandindo o seu portfólio, em 2013, o Grupo adquiriu a marca holandesa Bobike-Bicycle Safety Seats. Sendo esta marca uma antiga concorrente da Polisport, o Grupo conseguiu assim, com a compra, tornar-se líder mundial no mercado das cadeiras para bicicletas.

Ainda em 2013, fundámos em território nacional a empresa Headgy Helmets, S.A. que se dedica ao desenho e produção de capacetes para bicicletas nas áreas do desporto e lazer, garantindo proteção e qualidade aos nossos clientes.

O seu negócio está essencialmente centrado nas cadeiras de criança para bicicletas, mas a gama oferece ainda produtos complementares de segurança como capacetes de criança, e alguns acessórios ligados às cadeiras.

Em 2018 decidimos apostar na criação de uma nova unidade para a marca Polisport, a Polipromotion, S.A., esta é uma unidade especializada na produção e design de bidons.

A aposta no crescimento da marca permitiu a angariação de importantes clientes ao longo do tempo, com os quais o Grupo tem vindo a estabelecer importantes e estáveis parcerias. Destacámos grandes fabricantes como a KTM, HUSQVARNA, TRIUMPH, GASGAS e DECATHLON.

Missão, Valores e Visão

Missão: “Conceber e produzir produtos inovadores para veículos de duas rodas, combinando o desempenho com a segurança, a diferenciação e a diversão.”

Valores: “Investimos nas competências dos nossos colaboradores e na nossa capacidade tecnológica, promovendo uma cultura interna com base na Orientação para o cliente e na inovação e criatividade.”

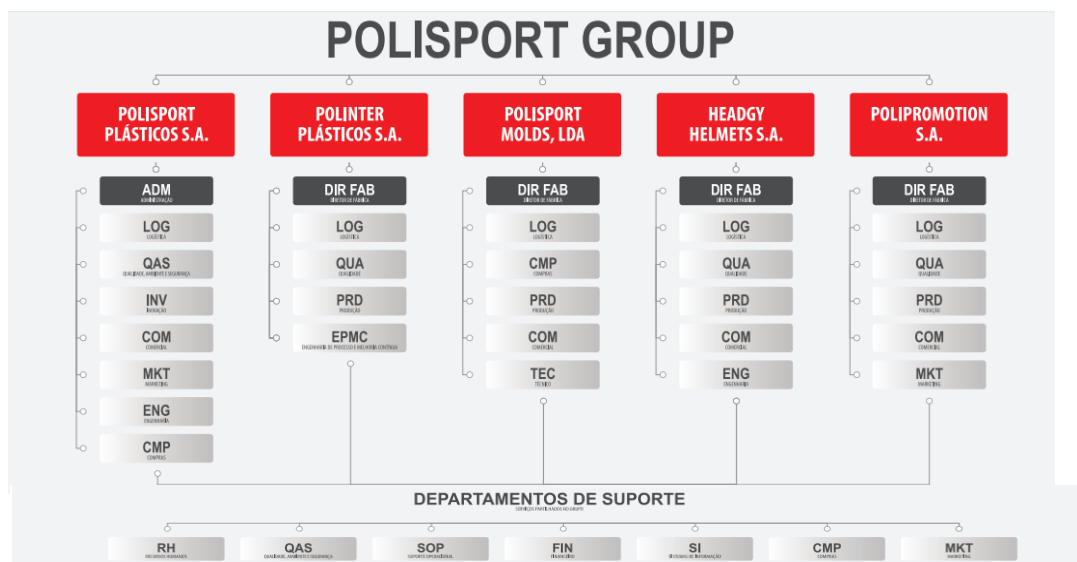
Visão: “Cimentar a nossa posição como líder do setor, alavancando o prestígio da nossa marca e ganhando reconhecimento pela nossa inovação, qualidade, diferenciação tecnológica e a singularidade dos nossos produtos.”

(Polisport, n.d.)

Estrutura do Grupo Polisport

Estruturalmente o Grupo Polisport encontra-se dividido em dois níveis: os Departamentos de suporte e os Departamentos operacionais, como é possível observar na figura 2. Os Departamentos de suporte auxiliam todas as empresas do Grupo, dos quais fazem parte: os Recursos Humanos (RH), a Qualidade, Ambiente e Segurança (QAS), o Suporte Operacional (SOP), o Financeiro (FIN), os Sistemas de Informação (SI), as Compras (COMP) e o Marketing (MKT). Já os Departamentos Operacionais estão diretamente ligados a cada empresa.

Figura 2 - Organograma do Grupo Polisport



Fonte: Polisport

4.4. Ano 2019

Durante o ano de 2019, atingimos um volume de negócios acima dos 31 milhões de euros, quase 400 mil euros abaixo do valor atingido em 2018. Ainda assim tivemos um investimento de quase 2 milhões de euros e, vendemos cerca de 22 milhões de produtos durante o ano de 2019.

1.900.000 €
Investimento

31.500.000 €
Volume de Negócios

21.754.371 
Produtos vendidos

Em relação à parte ambiental, durante o ano de 2019, e comparado ao ano anterior, conseguimos diminuir, de um modo geral, a nossa pegada ambiental. No entanto, para realmente verificarmos se diminuimos a nossa pegada ambiental, é importante ter em consideração o volume de negócios gerado em cada ano. Sendo assim, e em função do volume de negócios, reduzimos o consumo total de água em 2%, o da eletricidade em 4%, os resíduos das nossas unidades em 17% e as emissões de CO2 em 26%. Contudo, ao nível do consumo de gás e de materiais, os valores não são tão positivos. Aumentámos em 179% o consumo de gás e em 6% a quantidade de materiais utilizados, comparado ao ano de 2018.



Aumentamos o número de colaboradores nas nossas unidades, continuando a ser a sua maioria mulheres. Continuamos a apostar na formação dos colaboradores, atingindo um valor de quase 11 mil horas de formação, valor ligeiramente abaixo do de 2018.

389 
Colaboradores

220 
Mulheres

169 
Homens

89%
Permanentes

11%
Temporários

10.964 
Horas de Formação

4.5. Área Económica

O Grupo Polisport encontra-se presente em mais de 70 países, exportando produtos para diversos outros e com mais de 1000 fornecedores distribuídos globalmente, sendo que 79% das compras são feitas a fornecedores nacionais.

Cerca de 33% das vendas do Grupo são em Portugal, representando um total de quase 14.000.000€, um valor bastante elevado quando comparado às vendas de outros países, como é o caso da Áustria e da Holanda que apresentam quantias abaixo dos 5.000.000€, de acordo com a tabela 5.

Tabela 5 - Top 20 de vendas por país do grupo Polisport

1. Portugal	13.807.854,09 €	11. Suécia	519.527,18 €
2. Áustria	4.510.492,14 €	12. Itália	502.337,48 €
3. Holanda	3.174.692,68 €	13. Polónia	434.131,68 €
4. Noruega	3.141.908,87 €	14. Austrália	409.792,37 €
5. Alemanha	3.094.729,04 €	15. Dinamarca	397.280,71 €
6. França	3.019.256,26 €	16. Brasil	257.893,69 €
7. EUA	2.690.604,43 €	17. Eslováquia	222.308,18 €
8. Reino Unido	1.213.217,03 €	18. Bélgica	180.130,72 €
9. Espanha	1.020.793,32 €	19. Finlândia	173.794,00 €
10. Rússia	686.984,61 €	20. Irlanda	157.936,20 €

O Grupo obteve receitas na ordem dos 30 milhões de euros e um volume de negócios de 31,5 milhões de euros. Contudo o valor económico direto distribuído foi ligeiramente superior ao valor económico gerado, pelo que, apresentamos um valor económico acumulado negativo de cerca de 45 mil euros. Também é importante notar que, no ano de 2019, o Grupo teve um investimento de quase 2 milhões de euros, o que resultou num valor final negativo. Esta situação ocorreu também no ano anterior, ano em que o Grupo investiu quase 3 milhões de euros e teve um valor económico acumulado negativo de cerca de 1 milhão de euros.

Tabela 6 - Valor económico direto gerado e distribuído do Grupo Polisport

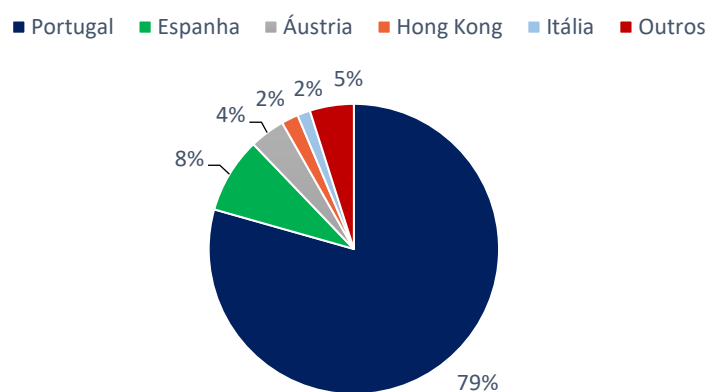
	2019
Valor económico direto gerado	30.345.718 €
Receitas	30.345.718 €
Valor económico direto distribuído	30.390.833 €
Gastos operacionais	22.729.063 €
Salários e benefícios de empregados	4.673.086 €
Pagamento a fornecedores de capital	48.876 €
Pagamento ao Estado	1.039.808 €
Investimentos	1.900.000 €
Valor económico acumulado	-45.115 €

Fornecedores

Em 2019 o grupo gastou mais de 33 milhões de euros em compras a fornecedores, 79% dessas compras foram feitas a fornecedores locais, ou seja, em território nacional. Ao todo, o Grupo tem fornecedores em 29 países e conta com mais de 1000 fornecedores distribuídos globalmente. A Espanha encontra-se em segundo lugar com 8%, sendo seguido pela Áustria (4%), Hong Kong (2%) e Itália (2%).

Figura 3 - Volume de compras por fornecedor

Volume de compras por Fornecedor (%)



Ética

No Grupo Polisport temos um comité de Ética, este Comité é composto pelo CEO, o Administrador da Área Industrial, o Administrador das Áreas de Suporte e o Diretor de Recursos Humanos, os elementos do Comité são nomeados durante um período de 3 anos e a sua composição é divulgada interna e externamente ao grupo. Este comité tem como competências: analisar as denúncias recebidas; instruir os processos, procurando recolher provas; decidir as sanções a aplicar, de acordo com a legislação aplicável; avaliar a adequação do Código de Conduta e Ética às necessidades do Grupo e propor a sua atualização, sempre que necessário; emitir «Pareceres» sobre questões éticas, sempre que solicitado; acompanhar a evolução das boas práticas e das recomendações globais em matéria de conduta empresarial e ética.

Foi criado um documento em que explica o modo de funcionamento do comité, assim como as suas responsabilidades, membros e instrução de processo, que é entregue a cada novo colaborador no momento da sua entrada na empresa.

Este comité, com vista a proteger o funcionamento da Polisport de ameaças como a corrupção, foi criado apenas por prevenção uma vez que não se registam até hoje casos desta natureza.

Não houve formação no grupo, tanto a nível de órgãos de governo como a nível de colaboradores, em matéria de anticorrupção.

Processo de Avaliação de Risco

Para uma eficaz avaliação de risco, no Grupo Polisport segmentamos os riscos por três grupos: a envolvente externa, o processo interno e a informação para a tomada de decisão, como é possível observar pela figura 4.

Figura 4 - Processo de avaliação de risco do Grupo Polisport



Fonte: Polisport

Durante o ano de 2019, as alterações climáticas, o envelhecimento da população e a dependência cibernética foram os três principais fatores de risco para o nosso Grupo.

As alterações climáticas apresentam-se como um risco devido à forte correlação do clima com as vendas e que pode, portanto, trazer influências no negócio da Polisport.

Já o envelhecimento da população é um fator de risco quando relacionado com a baixa taxa de natalidade que acarreta e que traz consequências para o mercado dos porta bebés.

Por último, a dependência cibernética leva ao aumento da conexão digital que pode trazer riscos e apresentar fragilidades no campo dos ataques cibernéticos.

Por sua vez, a deslocação da população para meios urbanos e o consequente aumento da densidade populacional, nas grandes áreas metropolitanas, resulta na restrição da circulação de automóveis nesses meios, apresentando-se como uma oportunidade no mercado das bicicletas.

4.6. Área Ambiental

Durante o ano de 2019, as nossas empresas utilizaram um total de 5.924 toneladas de materiais, 244 toneladas acima do valor de 2018.

Analisando esta diferença de valores é importante notar que em 2018 foi fundada a Polipromotion e, que só a meio do ano esta unidade começou a sua verdadeira produção, pelo que, em 2019 os materiais utilizados pela Polipromotion são bastante mais elevados. Contudo, quando analisamos os dados da Polipromotion, podemos verificar que os quilogramas utilizados por cada 1000€ de volume de negócios em 2019 é menor do que em 2018, comprovando o que foi dito anteriormente.

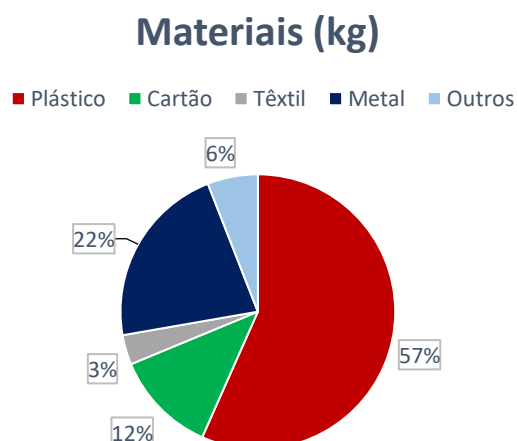
Também à exceção da Polisport Plásticos, que teve um aumento residual, a Headgy Helmets e a Polinter diminuíram a quantidade de materiais utilizados por cada 1000€ de volume de negócios.

Em relação à Polisport Molds não temos qualquer tipo de informação relativamente aos materiais utilizados na sua produção.

Estes valores foram calculados através do material comprado durante o ano, estes mesmos dados foram depois organizados por tipo de material de modo a conseguirmos chegar a estes valores. Além dos valores gerais apresentados, temos as quantidades totais de materiais utilizados por cada unidade e ainda quantos quilos foram utilizados por cada 1000€ de volume de negócio. Esta informação extra encontra-se disponível nos anexos do relatório.

Concluimos ainda que o plástico é o material mais utilizado pelas nossas unidades, o que é totalmente justificável pois esta é a matéria prima principal do Grupo. O cartão, o metal e o têxtil são outros dos materiais mais utilizados na produção.

Figura 5 - Quantidade de materiais utilizados (kg)



Relativamente ao consumo de energia nas nossas unidades, em 2019 conseguimos diminuir o consumo de eletricidade em cerca de 145 kwh, ou seja, atingimos uma redução de 4,65% (utilizámos 94 kwh por cada 1000 € de volume de negócios).

Ainda relativamente aos valores da eletricidade, apesar dos bons resultados gerais quando comparados aos valores de 2018, a unidade Polisport Molds apresentou um aumento na quantidade de eletricidade utilizada.

Além da eletricidade, o gás é uma outra fonte de energia utilizada por algumas das nossas unidades, como a Polisport Plásticos, a Headgy Helmets e a Polipromotion. O consumo de gás aumentou em 175 %, este aumento encontra-se relacionado com alterações ocorridas em 2018. A paragem da caldeira na Polisport Plásticos e a montagem do sistema de aquecimento na Headgy Helmets, forma duas situações que levaram ao aumento dos valores em 2019. Além do aumento do consumo em cada unidade, a nossa unidade Polipromotion começou também a utilizar gás na sua produção.

Para o cálculo destes valores foram utilizados os valores provenientes da faturação de cada mês por parte dos fornecedores de energia. Uma vez mais, de modo a fazermos uma melhor análise dos dados, dividimos os valores finais por 1000€ de modo a sabermos a quantidade de energia utilizada por cada 1000€ de volume de negócio.

Figura 6 – Consumo de Gás em toneladas

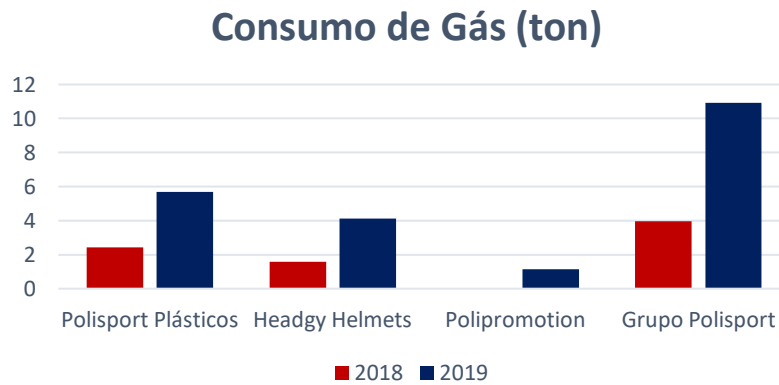
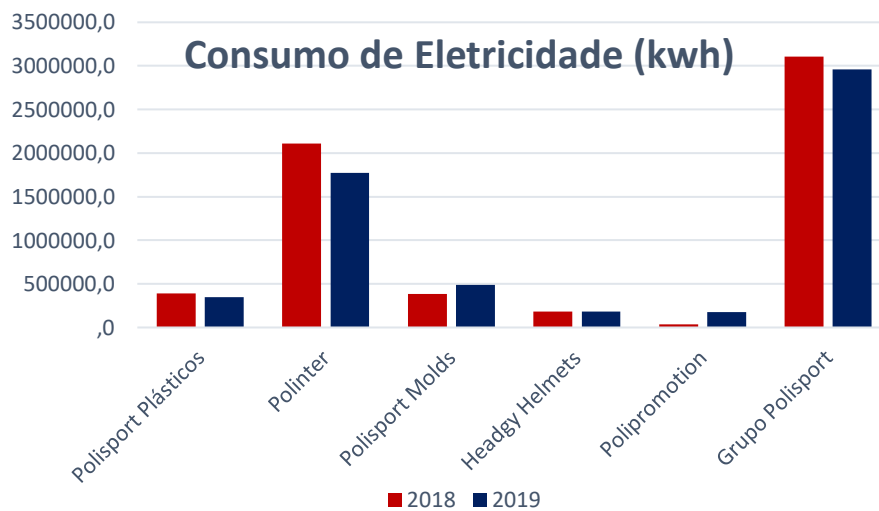


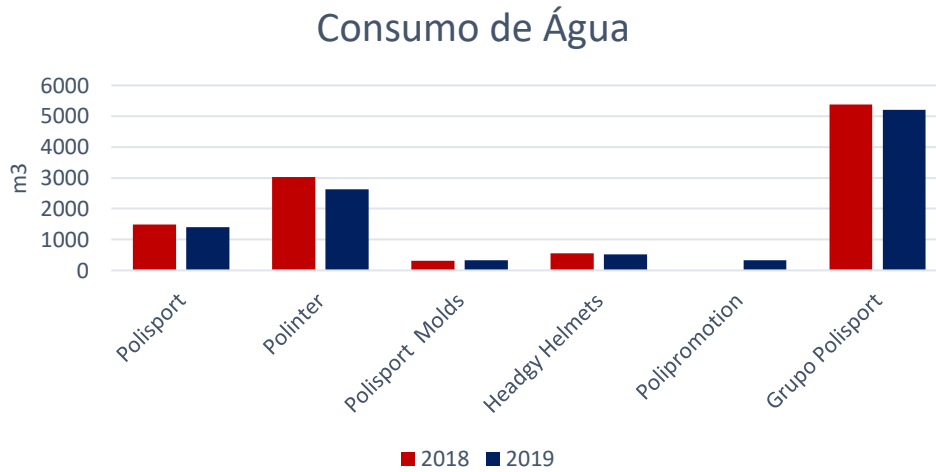
Figura 7 - Consumo de eletricidade em Kwh



O consumo de água teve uma diminuição de 3,2% comparada ao do ano de 2018. Mais uma vez esta diminuição não é geral a todas as empresas, de todas as empresas a Polisport Molds obteve um aumento do consumo de água. Além desta unidade, também a Polipromotion obteve um consumo superior ao do ano anterior, contudo, este é um valor justificável devido ao início de produção.

Os dados referentes ao consumo da água foram retirados, assim como os da energia, da faturação enviada pelos fornecedores. À exceção dos dados da Polinter, uma vez que esta unidade retira a sua água diretamente do poço, ou seja, a água não é fornecida por empresas externas. Apesar disto, a Polinter faz um controlo mensal da água consumida.

Figura 8 - Consumo de água em m³



A gestão dos resíduos das nossas unidades é realizada pelo departamento QAS (Qualidade, Ambiente e segurança), mais especificamente pelo técnico de ambiente e segurança. Os dados utilizados para esta análise provêm da coleta e organização dos mesmos por parte do técnico responsável, e posteriormente trabalhados para integrar este relatório, estando todos eles de acordo com os dados disponíveis no site SILiAmb.

Durante o ano de 2019, o Grupo obteve uma redução significativa da quantidade de resíduos em cerca de 18%, passando de um total de 562 toneladas, em 2018, para 462 toneladas em 2019. Todas as nossas unidades acompanharam esta tendência, com exceção da Polipromotion, pelo mesmo motivo anteriormente explicado.

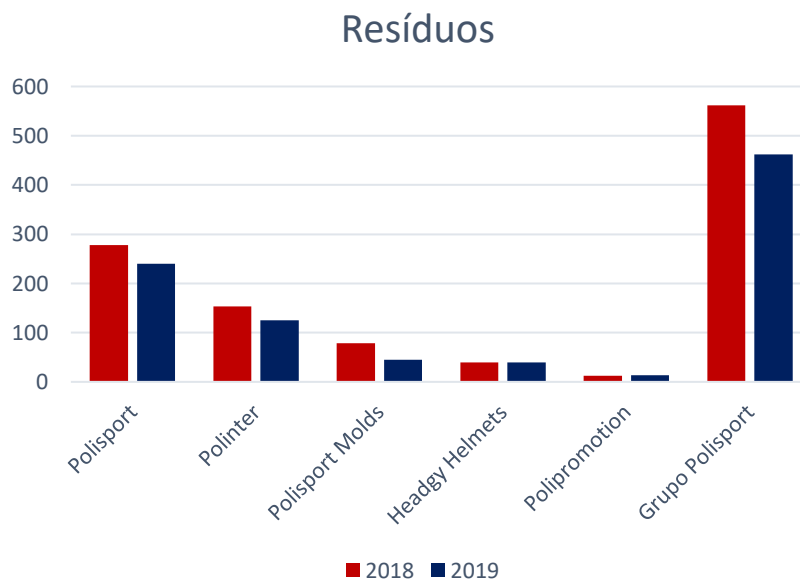
De todos os nossos resíduos, 98% são considerados não perigosos e apresentamos uma taxa de reciclagem na ordem dos 79%. Para chegarmos a esta taxa de reciclagem, considerámos como resíduos não reciclados aqueles que são denominados como Misturas de resíduos urbanos equiparados e Mistura de embalagens, todos os outros resíduos foram considerados como resíduos reciclados, pois a sua separação assim o permite.

Acreditámos que uma Economia Circular é uma forma de alcançarmos uma produção mais sustentável nas nossas unidades, por isso, empenhámo-nos ao máximo em reduzir os nossos resíduos. Por isso 9% dos nossos resíduos são tratados por uma empresa externa e voltam a entrar no ciclo de produção da empresa como matéria-prima. Neste momento apenas duas das nossas unidades, Polisport Plásticos e Polinter, fazem este tipo de reaproveitamento dos resíduos, mas esperamos que, no futuro encontremos formas de aplicar este tipo de conceito a outras das nossas unidades.

Figura 9 - Resíduos reciclados (%)



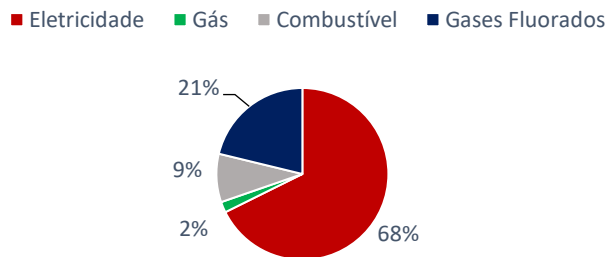
Figura 10 - Quantidade de resíduos em toneladas



As nossas principais fontes de emissão de CO₂ provêm do consumo de energia (gás e eletricidade), de combustível e de gases fluorados. O consumo de eletricidade representa mais de metade das emissões de CO₂ (68%), seguido dos gases fluorados (21%), do combustível (9%,) e por fim pelo consumo de gás que corresponde a uma minoria de 2%.

Figura 11 - Fonte das emissões de CO2

Fonte das Emissões de CO2



Para o cálculo das emissões de CO2, correspondentes ao consumo de combustível, uma vez que esta foi a primeira vez que precisámos destes valores, não existiam dados suficientes para um cálculo correto. Foram por isso realizadas estimativas para estes valores. Através da média do preço do combustível em 2019 (informação retirada do Pordata) e o valor gasto em combustível durante esse mesmo ano, conseguimos chegar a estimativas relativas às emissões de CO2, que foram resultantes do consumo de combustível. Chegámos à conclusão que, 9% das emissões do Grupo são derivadas do consumo de combustível, um ligeiro aumento quando comparado ao ano anterior, que correspondeu a 5%. É importante notar que nestas estimativas apenas inclui o combustível utilizado pelos veículos das unidades, deixando de fora da estimativa as deslocações ao estrangeiro, o transporte dos colaboradores para as unidades e o transporte dos produtos para o exterior.

Já as emissões de CO2 relacionadas com os gases fluorados mantiveram-se nos mesmos níveis que no ano anterior.

Ao todo, durante o ano de 2019, as unidades do Grupo Polisport foram responsáveis pela emissão de cerca de 1300 toneladas de CO2, menos 509 toneladas do que no ano de 2018, ou seja, uma diminuição de 27%.

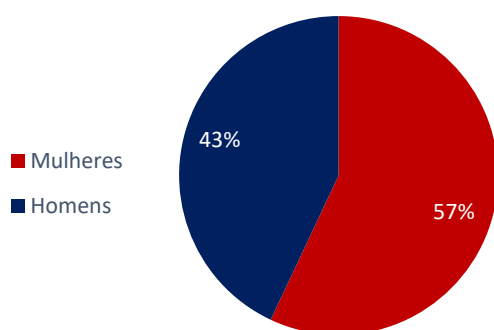
4.7. Área Social

Colaboradores

Em 2019 aumentamos as nossas contratações, passamos de um total de 368 colaboradores em 2018, para 389 colaboradores em 2019, sendo a maioria trabalhadores efetivos, apenas 11 % dos trabalhadores são temporários. Temos uma maioria de mulheres a trabalhar nas nossas unidades, correspondendo a 57% do total dos nossos colaboradores.

Figura 12 - Colaboradores por género (%)

Colaboradores por Género



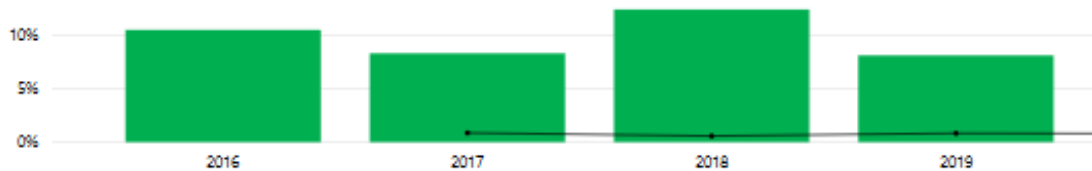
Os benefícios oferecidos, tanto a colaboradores a tempo inteiro como a colaboradores a tempo parcial, são praticamente os mesmos (licenças, kits de parentalidade, assistência a filhos portadores de deficiência, subsídio de transporte, e também alguns colaboradores mais antigos têm PPRs (planos de poupança)), à exceção do seguro de saúde e de vida que é apenas oferecido aos colaboradores quando têm 3 anos de casa ou quando se tornam efetivos.

Relativamente à licença parental, no ano de 2019 tivemos um aumento no número de colaboradoras grávidas comparativamente a 2018, um total de 13 mulheres. Tivemos ainda 6 homens que beneficiaram também da licença. Todos tiveram direito à licença e todos gozaram a mesma tendo voltado ao trabalho após o fim do período de reporte.

A Rotatividade dos nossos colaboradores diminuiu em relação ao ano anterior, encontrando-se inferior a 10%, encontrando-se ainda assim acima do objetivo do grupo. Não existe discriminação salarial dentro do Grupo, ou seja, o valor do salário pago ao colaborador está de acordo com o posto de trabalho e não com o género do mesmo. Já em

relação ao salário mínimo praticado, o valor difere apenas entre trabalhadores temporários e permanentes. Colaboradores em regime temporário recebem o salário mínimo nacional (635€) e os Permanentes recebem um valor de 640€, cerca de 1% acima do salário mínimo nacional.

Figura 13 - Rotatividade dos colaboradores vs. Objetivo



Fonte: Polisport

Gestão das Relações Laborais

Queremos que a informação seja transmitida aos nossos colaboradores de uma forma clara e abrangente a todos. Para tal, estão colocados em todas as nossas unidades painéis onde são afixados avisos, novas mudanças e qualquer alteração que seja do interesse dos colaboradores. Estes painéis estão divididos por áreas como a Higiene e Segurança no Trabalho, Legislação laboral, últimas notícias, entre outros.

Figura 14 - Painel de informação na Polisport Plásticos

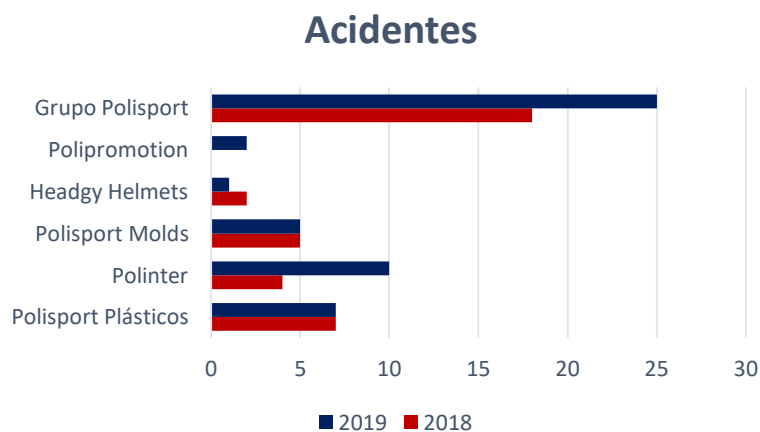


Segurança dos nossos colaboradores

No ano de 2019, face ao ano de 2018, houve um aumento de sete acidentes de trabalho. Todos os acidentes de trabalho são registados numa plataforma própria para o efeito, assim como analisados e então são definidas ações para cada um deles. Estas ações são implementadas com o intuito de melhorar as condições de trabalho dos colaboradores e ao mesmo tempo diminuir o número de acidentes de trabalho.

Também, com vista na segurança dos nossos trabalhadores, são identificados os perigos e avaliados os riscos através de uma avaliação de risco. Esta avaliação é feita anualmente pela Técnica de Segurança e, atualizada, sempre que ocorre uma situação inesperada. Na ocorrência de um incidente, o mesmo é comunicado à técnica de segurança que, por sua vez, se dirige ao local onde o mesmo ocorreu e faz uma análise do ocorrido. Posteriormente é preenchido um registo interno do incidente e é dado o seguimento ao processo.

Figura 15 - Número de acidentes por unidade



No grupo Polisport temos uma gestão de sistema de segurança e Saúde Ocupacional, gerido em conjunto entre os Recursos Humanos e a equipa de Segurança, este consiste em consultas e acompanhamento médico aos nossos colaboradores, além disso possuímos um Sistema de Saúde Curativa que consiste na possibilidade de um colaborador usufruir de uma consulta médica.

Dispomos de um acompanhamento mensal a colaboradoras grávidas, em que é verificado o local de trabalho, as tarefas realizadas e se há necessidade de adaptação do posto de trabalho. Estas colaboradoras também são acompanhadas por perto pelo médico de trabalho.

No que diz respeito a doenças profissionais declaradas pelo instituto nacional de segurança social, estabelecemos um acompanhamento a esses colaboradores, acompanhamento que é realizado pela área da segurança. Estas doenças também são acompanhadas ao nível da segurança, é feita uma análise de risco ao posto de trabalho da colaboradora, e são implementadas ações para minimizar e/ou eliminar o risco a que a colaboradora está exposta.

Na entrada de novos colaboradores é dada formação de segurança, de modo a que os mesmos tenham conhecimento dos riscos e dos perigos a que são expostos, deste modo conseguimos diminuir a sinistralidade laboral. Além desta formação os colaboradores também têm formação na área de primeiros socorros, combate a incêndio, medidas de autoproteção e outros.

Formação dos nossos colaboradores

A formação dos nossos colaboradores é uma política importante no Grupo Polisport, termos colaboradores com conhecimentos é um objetivo que nos leva a progredir e a desenvolver como empresa. Anualmente é realizado um programa de avaliação de desempenho, de onde são retiradas as principais áreas de formação necessários a cada colaborador. Também no momento de entrada (processo *on boarding*) já são definidas as formações obrigatórias para cada colaborador, sempre dentro e dependendo da função do mesmo.

Tabela 7 - Média do número de horas de formação por colaborador

Empresa	Média do nº horas de formação por colaborador
Polisport Plásticos	38
Polinter	16
Polisport Molds	34
Headgy Helmets	24
Polipromotion	34
Grupo Polisport	32

Comunidade Local

Todos os anos é realizado no Grupo Polisport um “leilão solidário” em que todo o dinheiro angariado é entregue a uma instituição local previamente escolhida. Também todos os anos o Grupo colabora e apoia os bombeiros locais, apoia a doação de sangue,

onde dentro das nossas unidades passamos à realização de uma colheita, e estamos presentes em diversas escolas e feiras.

Cientes

Os nossos clientes são a base do nosso negócio e da nossa marca, e, portanto, a segurança e qualidade dos nossos produtos são a essência de todo o nosso trabalho. Contudo, em 2019, e relativamente à segurança dos nossos produtos, tivemos 3 reclamações resultantes de incidentes que causaram ferimentos aos nossos utilizadores de porta bebés. Nenhuma das três reclamações resultaram em processo e/ou indemnização. Trabalhamos diariamente para prover aos nossos clientes a melhor qualidade e segurança em todos os nossos produtos.

Além disso, os nossos produtos contêm informação relativamente à forma mais segura de utilização, todos eles vêm acompanhados por manuais de instrução que proporcionam aos nossos clientes uma melhor e mais segura utilização do produto. Além disso o produto (caixas e manuais) contam com informação relativamente à forma mais adequada de descarte dos mesmos.

Relativamente à rotulagem dos produtos tivemos 1 incidente num produto (bidão) relacionado com o código de barras do mesmo. Esta foi uma situação que resultou apenas num aviso.

Ao nível de comunicações de marketing não tivemos qualquer tipo de acidente relacionado com esta natureza.

4.8. Ano 2020

Para o ano 2020, definimos como objetivos económicos, atingir um volume de negócios acima dos 34 milhões de euros, cerca de 3 milhões acima do valor atingido este ano.

Tabela 8 - Objetivos económicos 2020

Volume de negócios	34 607 671 €
EBITDA	5 525 589 €
% EBITDA	16%
Resultado Líquido do Período	2 806 658 €

Os nossos objetivos sociais estão focados nos nossos colaboradores, e temos por isso como principais objetivos:

- Aumentar o subsídio da alimentação diária a todos os nossos colaboradores;
- Aperfeiçoar o Desenvolvimento e Gestão de carreiras, apresentando aos colaboradores os níveis hierárquicos que poderão atingir ao longo das suas carreiras no Grupo Polisport, além disso, pretendemos aumentar a conversão de contratos a termo para contratos sem termo;
- Alargar o Kit de paternidade para os pais (até 2019 este Kit era apenas entregue às mães), também vamos acrescentar ao Kit a oferta de um Babygrow, transmitindo aos colaboradores o nosso apoio à natalidade;
- Apesar de nunca termos tido qualquer caso ligado à corrupção tencionamos trabalhar o tema, dando formação aos mais altos cargos de chefia em matéria de anticorrupção;
- Este ano dedicámo-nos a questões relacionadas com a sustentabilidade e em 2020 queremos aumentar este empenho transmitindo aos colaboradores a nossa responsabilidade ambiental, inserindo programas de formação interna de comportamento sustentável e realizando atividades de promoção sustentável.

No que diz respeito à Comunidade Local, além de mantermos os leilões solidários e o apoio a instituições, pretendemos:

- Aumentar os leilões solidários na comunidade local, neste tipo de leilões o grupo escolhe uma instituição e todo o dinheiro obtido do leilão é entregue à mesma;
- Promover a doação de sangue, realizando colheitas de modo a incentivar os nossos colaboradores à doação. É nosso objetivo no próximo ano aumentar as doações fazendo mais recolhas nas nossas empresas;

- Proceder à integração na empresa de pessoas com deficiência de modo a desenvolvermos a integração social;
- Estar mais presentes em atividades escolares com oferta de capacetes, Bidons e Balance bikes.

Na área da Segurança, é o nosso principal objetivo diminuir o número de acidentes em todas as unidades do grupo:

Tabela 9 - Objetivos de segurança para 2020

	Acidentes 2019	Objetivo 2020
Polisport	12	10
Polinter	15	12
Polisport Molds	6	3
Headgy Helmets	1	3
Polipromotion	3	3
Grupo Polisport	37	31

- Iniciar o registo de Quase-Acidentes, ou seja, identificação de situações perigosas que podem originar um acidente;
- Identificar os embaixadores de segurança em todas as unidades, com o objetivo de cumprir com requisitos legais que podem não estar a ser cumpridos;
- Aumentar o número de horas de formação de segurança, de modo a sensibilizar os nossos colaboradores para os riscos existentes na indústria e para as diversas matérias de segurança;
- Iniciar o “minuto de segurança” que se trata de uma atividade a desenvolver nas reuniões diárias com os colaboradores;
- Ainda com o objetivo de identificar os riscos ou situações perigosas nas unidades, iremos aumentar o número de auditorias internas realizadas.

Na área do ambiente, este será um ano em que iremos dar especial atenção aos resíduos e às emissões gasosas. Queremos que os nossos colaboradores estejam conscientes do nosso empenho em reduzir a nossa “pegada ambiental”, por isso pretendemos:

- Melhorar a separação dos resíduos evitando/diminuindo o envio dos resíduos das nossas unidades para aterro, tentar atingir uma taxa de reciclagem dos nossos produtos de 85%. Para esse fim vamos dar formação aos colaboradores na área dos resíduos, melhorar o sistema de reciclagem nas empresas e remodelar o espaço dos mesmos de modo a fazermos uma separação mais eficiente e mantermos a nossa envolvente limpa;
- Adquirir novas viaturas mais económicas, mas também mais “amigas do ambiente” de modo a substituírmos outras mais antigas;
- Abraçar um novo projeto que consiste na instalação de painéis fotovoltaicos nas nossas instalações, este projeto permitirá à empresa reduzir o consumo de eletricidade em cerca de 30%, além de que, iremos diminuir as nossas emissões de CO2 em 250 toneladas. Ainda a nível da diminuição do consumo de energia vamos investir na iluminação Led em outras unidades.

5. Conclusões, Limitações e Trabalhos Futuros

A sustentabilidade é um conceito cada vez mais recorrente no nosso vocabulário. Temas como as crises ambientais e o aquecimento global fazem com que o conceito seja cada vez mais desenvolvido e estudado. Em geral, o conceito assenta em três pilares, a sociedade, a economia e o ambiente, e são os três dependentes entre si e não devem de ser considerados em separado.

A EC, apresenta-se como um conceito recente quando comparado ao da sustentabilidade, é um modelo económico que tem vindo a ganhar destaque e credibilidade graças aos seus diversos benefícios e vantagens para a Economia e o Ambiente. Apesar de existirem críticas relativas à ausência da área social no conceito de EC, a EC pode ser vista como uma forma de alcançar um desenvolvimento sustentável, sendo considerada uma condição da sustentabilidade. Além da ausência do lado social, também a falta de dados para a sua medição acaba por ser um problema, sobretudo para muitas empresas que pretendem medir o nível de circularidade da sua produção. Contudo, os benefícios e vantagens de um modelo circular, são diversos para as empresas e para a sociedade.

Para além das diversas vantagens, a EC pode-se apresentar como uma solução para um dos problemas mais emergentes que a sociedade enfrenta, como é exemplo a problemática envolvente ao plástico. A sua importância para a economia e, a dependência da sociedade pelo seu uso, torna a sua eliminação do mercado quase impossível. Porém, o plástico tem estado, ultimamente, no centro de diversas polémicas relacionadas com a poluição ambiental, devido à sua má gestão como resíduo. É, por isso, essencial, reduzir o uso do mesmo ou tornar a sua gestão mais sustentável. A EC apresenta-se como uma solução para esta problemática. Uma boa gestão do plástico como resíduo, a sua reciclagem, a sua reutilização e um melhor design para facilitar a sua reciclagem, é uma forma de lidar com o problema. Contudo, o mesmo apresenta barreiras e desafios futuros para a sua implementação. A baixa qualidade do plástico não virgem, os preços elevados, a falta de conhecimento sobre o material, a proibição do plástico reciclado em determinados produtos, a dificuldade em separar os componentes para reciclar e o ceticismo em usar os resíduos como recursos, são algumas das barreiras existentes. Apesar das barreiras e dos desafios futuros existentes à circularidade do plástico, a sua adoção para a indústria é viável e a UE incentiva e apoia este tipo de economia.

Já o plástico, tem estado no centro de diversas polémicas ambientais e, cada vez mais, existem incentivos que promovem a redução da utilização do mesmo. Pelo que é importante que empresas, que tenham como principal matéria prima o plástico, encontrem formas de demonstrar que conseguem ter uma produção sustentável e contribuir para a sociedade e para o meio ambiente. Os relatórios de sustentabilidade são uma forma das empresas o fazerem. E, sendo por uma questão de marketing, por razões económicas e financeiras, por obrigatoriedade ou mesmo por razões relacionadas com preocupações ambientais, o número de empresas que publicam um relatório de sustentabilidade tem vindo a aumentar. Os relatórios de sustentabilidade são uma das formas que as empresas têm para mostrar aos seus clientes, *stakeholders* e colaboradores que temas como a equidade social, a proteção ambiental e uma economia mais sustentável fazem parte dos valores da empresa. Além disso, a publicação de um relatório de sustentabilidade pode trazer diversos benefícios para a empresa, tais como a melhoria da comunicação dentro da empresa, o aumento da inovação e transparência, a atração de talento e a possibilidade de ajudar a construir uma economia verde.

Este foi o primeiro relatório de sustentabilidade do Grupo Polisport seguindo as diretrizes da GRI, pelo que, existem alguns aspetos que a empresa precisa de ter em conta para o relatório do próximo ano.

Uma recolha de dados ambientais mais exigente é um dos exemplos. São necessários sistemas de controlo e organização que facilitem o cálculo, a gestão e a análise dos dados ambientais. Deste modo, a empresa consegue, durante o ano, ter a noção se está realmente a ter uma produção mais sustentável face ao ano anterior ou não. A forma atual de processamento de dados ambientais é demasiado demorada e só no final do ano, após o tratamento dos dados para o relatório de sustentabilidade, é que a empresa consegue ter noção se realmente teve uma produção mais sustentável e se diminuiu a sua pegada ambiental. Ainda relativamente aos dados ambientais, em particular as emissões gasosas, o Grupo precisa de valores reais e não estimativas como as apresentadas no relatório. Além disso, estão em falta alguns valores, é o caso do transporte dos colaboradores para a empresa, o transporte de mercadorias e as deslocações de colaboradores ao exterior. Também é necessário analisar outros tipos de emissões gasosas além do CO₂.

Relativamente à área social do relatório, temas como o Trabalho infantil ou forçado e os Direitos Humanos, não são trabalhados na empresa, existe necessidade de as empresas do

Grupo trabalharemos este tipo de indicadores e tomaremos medidas de modo a que consigamos controlar este tipo de situações na cadeia de fornecedores. Também a diretriz relacionada com a seleção de novos fornecedores usando critérios sociais necessita de ser discutida e talvez implementada dentro das empresas do Grupo.

Há necessidade de incluir os *stakeholders* no relatório de sustentabilidade a fim de dar resposta às diretrizes relacionadas com os mesmos (diretrizes essas que não foram desenvolvidas neste relatório).

Existe também falta de informação e de conhecimento sobre o conceito de EC. Apesar de ser um conceito em ascensão, durante o estágio, a aluna teve a noção de que este é um conceito desconhecido no contexto empresarial, pelo menos naquele em que esteve inserida durante o estágio. Apesar de algumas das empresas do Grupo implementarem um processo relacionado com a EC, a reutilização de um resíduo como matéria-prima, não existe o conhecimento na empresa de que se trata de um processo relacionado com a EC. Ainda durante o estágio a aluna esteve também responsável pela gestão dos resíduos nas unidades onde notou uma dificuldade, por parte dos colaboradores, em não respeitar a separação correta dos resíduos. Esta falha, reconhecida pelo departamento QAS, mostra a necessidade de apostar na formação dos colaboradores em matéria de resíduos. Esta formação está incluída nos objetivos da empresa para o ano de 2020.

Por fim, existe, necessidade de uma maior inclusão da área económica e social no relatório de sustentabilidade, apesar de os dados pedidos nas diretrizes se encontrarem presentes no relatório, esses mesmos dados podem ser mais bem desenvolvidos. Esta necessidade deve-se à dificuldade, durante o estágio, em explorar as três áreas da sustentabilidade de igual forma. Estando a aluna inserida no departamento da QAS, conseguiu desenvolver de uma forma mais completa a área ambiental do relatório de sustentabilidade.

Conclui-se que tanto a EC como a sustentabilidade trazem diversos benefícios para a sociedade, para a economia e para o ambiente. Também que, apesar de existirem diferenças entre os dois conceitos, a EC pode ser considerada uma condição da sustentabilidade e, pode apresentar-se como uma solução para atuais problemas ambientais. Já os relatórios de sustentabilidade são cada vez mais populares entre as empresas e, a sua publicação, traz diversas vantagens, não só para a própria empresa, como também para alcançar um desenvolvimento sustentável e auxiliar a transição para

uma EC. Já o Grupo Polisport deve continuar a apostar na publicação de relatórios de sustentabilidade e, inovar e investir na implementação de uma produção sustentável, de modo a reduzir a sua pegada ambiental. Precisa ainda de desenvolver os indicadores ambientais, apostar na formação em matéria de resíduos, desenvolver o modelo de economia circular presente nas empresas e apostar numa equipa para criar o relatório de sustentabilidade do próximo ano, de modo a que, consigam explorar de igual forma as três áreas da sustentabilidade e preencher as lacunas existentes no atual relatório.

Durante o relatório de sustentabilidade, a falta de alguns dados do Grupo não permitiu dar seguimento a todos os indicadores pedidos pela GRI. Por exemplo, no que diz respeito a indicadores ambientais, mais especificamente ao cálculo das emissões de CO₂, não foi possível chegar a valores concretos devido à ausência de dados relativos ao transporte de mercadorias e ao transporte dos trabalhadores.

É também necessário um maior estudo relativamente à relação entre o conceito de Sustentabilidade e de EC e aos indicadores que permitem medir a EC. Em relação a este último, apesar de existirem diversos indicadores que possam levar à medição da EC, muitos deles carecem de falta de dados, pelo que é também importante trabalhar na recolha e tratamento desses dados.

6. Referências

- ACCA. (2013). The Business Benefits of Sustainability Reporting in Singapore. *The Association of Chartered Certified Accountants (ACCA)*, (January). Retrieved from <http://www.accaglobal.com/content/dam/acca/global/PDF-technical/other-PDFs/sustainability-roundtable.pdf>
- Allwood, J. M. (2014). Squaring the Circular Economy: the role of recycling within a hierarchy of material management strategies. *Handbook of Recycling: State-of-the-Art for Practitioners, Analysts, and Scientists*, 445–477. <https://doi.org/10.1016/C2011-0-07046-1>
- Andersen, M. S. (2007). An introductory note on the environmental economics of the circular economy. *Sustainability Science*, 2, 133–140. <https://doi.org/10.1007/s11625-006-0013-6>
- APA. (2012). Regulamento REACH. Retrieved from <https://apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=85&sub2ref=417>
- Azoulay, D., Villa, P., Arellano, Y., Gordon, M., Moon, D., Miller, K., & Thompson, K. (2019). Plastic & Health - The Hidden Costs of a Plastic Planet, 65. Retrieved from www.ciel.org/plasticandhealth
- Chofreh, A. G., Goni, F. A., Klemeš, J. J., Malik, M. N., & Khan, H. H. (2019). Development of guidelines for the implementation of sustainable enterprise resource planning systems. *Journal of Cleaner Production*, 244 (2020). <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.118655>
- Comissão Europeia. (2015). Fechar o ciclo – plano de ação da UE para a economia circular. *Official Journal of the European Union*, 1–24. Retrieved from http://eur-lex.europa.eu/resource.html?uri=cellar:8a8ef5e8-99a0-11e5-b3b7-01aa75ed71a1.0007.02/DOC_1&format=PDF
- Comissão Europeia. (2018). *Uma Estratégia Europeia para os Plásticos na Economia Circular*.
- Daub, C.-H. (2005). Assessing the quality of sustainability reporting: an alternative methodological approach. *Journal of Cleaner Production*, 15, 75–85. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2005.08.013>
- Dhahri, S., & Omri, A. (2018). Entrepreneurship contribution to the three pillars of sustainable development: What does the evidence really say? *World Development*, 106(2018), 64–77. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2018.01.008>
- Diário da República. (2017). Decreto-Lei n.º 89/2017. Retrieved from <https://dre.pt/pesquisa/-/search/107773645/details/maximized>
- Ellen Macarthur Foundation. (2013). *Towards the Circular Economy: Economic and business rationale for an accelerated transition - volume 1*.
- European Commission. (2014). *Questions and answers on the Commission*

- Communication "Towards a Circular Economy " and the Waste Targets Review, MEMO/14/45(July).
- European Commission. (2020a). Circular Economy Indicators | Eco-innovation Action Plan. Retrieved June 22, 2020, from https://ec.europa.eu/environment/ecoap/indicators/circular-economy-indicators_en
- European Commission. (2020b). The RoHS Directive. Retrieved from https://ec.europa.eu/environment/waste/rohs_eee/index_en.htm
- European Environment Agency. (2016). *The Circular Economy in Europe: Developing the knowledge base. The Circular Economy in Europe*. <https://doi.org/10.4324/9780429061028>
- Geissdoerfer, M., Savaget, P., Bocken, N. M. P., & Hultink, E. J. (2016). The Circular Economy – A new sustainability paradigm? *Journal of Cleaner Production*, 143(2017), 757–768. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.12.048>
- Global Reporting Initiative. (2013). Report or explain: A smart EU policy approach to non-financial information disclosure. *Global Reporting Initiative*, 1–9. Retrieved from <https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/GRI-non-paper-Report-or-Explain.pdf>
- Global Reporting Initiative. (2019a). Consolidated set of GRI sustainability reporting standards 2019. Retrieved from <https://www.globalreporting.org/standards/gri-standards-download-center/consolidated-set-of-gri-standards/>
- Global Reporting Initiative. (2019b). The world is getting less circular – can reporting help? Retrieved June 24, 2020, from <https://www.globalreporting.org/information/news-and-press-center/Pages/less-circular-world-reporting-help.aspx>
- House of Commons. (2014). *Growing a circular economy: Ending the throwaway society. Environmental Audit Committee - Third report os session 2014-15*. Retrieved from <https://publications.parliament.uk/pa/cm201415/cmselect/cmenvaud/214/214.pdf>
- Kates, R. W., Parris, T. M., & Leiserowitz, A. A. (2005). What is sustainable development? Goals, indicators, values, and practice. *Environment Science and Policy for Sustainable Development*, 47(3), 8–21. <https://doi.org/10.1080/00139157.2005.10524444>
- Kirchherr, J., Reike, D., & Hekkert, M. (2017). Conceptualizing the circular economy: An analysis of 114 definitions. *Resources, Conservation and Recycling*, 127(April), 221–232. <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2017.09.005>
- Kuhlman, T., & Farrington, J. (2010). What is sustainability? *Sustainability*, 2(11). <https://doi.org/10.3390/su2113436>
- Marimon, F., Alonso-Almeida, M. D. M., Rodríguez, M. D. P., & Cortez Alejandro, K. A. (2012). The worldwide diffusion of the global reporting initiative: What is the point?

Journal of Cleaner Production, 33, 132–144.
<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2012.04.017>

Mensah, J., & Casadevall, S. R. (2019). Sustainable development: Meaning, history, principles, pillars, and implications for human action: Literature review. *Cogent Social Sciences*, 5(1). <https://doi.org/10.1080/23311886.2019.1653531>

Murray, A., Skene, K., & Haynes, K. (2017). The Circular Economy: An Interdisciplinary Exploration of the Concept and Application in a Global Context. *Journal of Business Ethics*, 140, 369–380. <https://doi.org/10.1007/s10551-015-2693-2>

Paletta, A., Leal Filho, W., Balogun, A. L., Foschi, E., & Bonoli, A. (2019). Barriers and challenges to plastics valorisation in the context of a circular economy: Case studies from Italy. *Journal of Cleaner Production*, 241, 118–149. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.118149>

Polisport. (n.d.). Polisport Group - Company. Retrieved July 8, 2020, from https://www.polisport.com/en/company_502.html

Robaina, M., Murillo, K., Rocha, E., & Villar, J. (2020). Circular economy in plastic waste - Efficiency analysis of European countries. *Science of the Total Environment*, 730. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.139038>

Robaina, M., Villar, J., & Pereira, E. T. (2020). The determinants for a circular economy in Europe. *Environmental Science and Pollution Research*, 27(11), 12566–12578. <https://doi.org/10.1007/s11356-020-07847-9>

United Nations. (n.d.). UN Conference on the Human Environment ... Sustainable Development Knowledge Platform. Retrieved June 21, 2020, from <https://sustainabledevelopment.un.org/milestones/humanenvironment>

United Nations. (1972). *United Nations Conference on the Human Environment [UNCHE]. Stockholm Declaration: A/CONF.48/14/Rev.1. Report of the United Nations conference on the Human Environment*. Retrieved from <https://digitallibrary.un.org/record/523249>

United Nations. (2007). *The United Nations Development Agenda : Development for All The United Nations*. Retrieved from https://www.un.org/esa/devagenda/UNDA_BW5_Final.pdf

WCED. (1987). *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*. https://doi.org/10.1007/978-1-4020-9160-5_1126

7. Anexos

7.1. Anexo A

Desempenho económico

	2018	2019
Valor económico direto gerado	29.447.811 €	30.345.718 €
Receitas	29.447.811 €	30.345.718 €
Valor económico direto distribuído	30.645.880 €	30.390.833 €
Gastos operacionais	22.433.120 €	22.729.063 €
Salários e benefícios de empregados	4.118.222 €	4.673.086 €
Pagamento a fornecedores de capital	47.220 €	48.876 €
Pagamento ao Estado	1.147.318 €	1.039.808 €
Investimentos	2.900.000 €	1.900.000 €
Valor económico acumulado	-1.198.069,00 €	-45.115,00 €

Gastos em Combustível (€)	2018	2019
Grupo Polisport	88.410 €	93.065 €

Volume de negócios (€)	2018	2019
Polisport Plásticos	29.447.811 €	30.345.718 €
Polinter	7.466.733 €	7.728.018 €
Polisport Molds	1.806.172 €	1.709.010 €
Headgy Helmets	1.602.630 €	1.955.036 €
Polipromotion	231.967 €	1.085.264 €
Grupo Polisport	31.894.325 €	31.500.000 €

Volume de Compras por país

País	Volume de Compras (€)	País	Volume de Compras (€)
Portugal	26.405.231,81 €	Tailândia	12.593,79 €
Espanha	2.806.747,21 €	Reino Unido	9.434,58 €
Áustria	1.313.846,93 €	Brasil	6.816,44 €
Hong Kong	623.600,97 €	Hungria	4.636,12 €
Itália	478.460,44 €	Suécia	3.725,00 €
China	275.646,10 €	Grécia	3.100,00 €
Alemanha	266.792,60 €	Austrália	2.427,82 €
Holanda	255.222,88 €	India	2.300,19 €
França	184.949,17 €	Irlanda	1.371,10 €
Eslovénia	181.021,98 €	Polónia	1.161,53 €
Bélgica	162.756,29 €	Luxemburgo	960,17 €
EUA	144.068,05 €	Eslováquia	400,00 €
Mónaco	41.440,00 €	Croácia	309,56 €
Taiwan	35.703,29 €	Noruega	40,32 €
Dinamarca	24.643,99 €	TOTAL Grupo	33.249.408,33 €

País – TOP 5	Volume de Vendas (€)	País	Volume de Vendas (€)
<i>Grupo Polisport</i>		<i>Polinter</i>	
Portugal	13.807.854,09 €	Portugal	7.447.165,47 €
Áustria	4.510.492,14 €	Áustria	4.518,33 €
Holanda	3.174.692,68 €		
Noruega	3.141.908,87 €	<i>Headgy Helmets</i>	
Alemanha	3.043.222,42 €	Portugal	1.927.253,90 €
		França	79.687,56 €
<i>Polisport Plásticos</i>		Holanda	38.733,30 €
Áustria	4.480.926,60 €	Grécia	11.374,58 €
Noruega	3.141.908,87 €	Espanha	8.730,48 €
Holanda	3.135.553,38 €		
França	2.872.856,18 €	<i>Polipromotion</i>	
Alemanha	2.860.072,42 €	Portugal	855.255,62 €
		França	66.712,52 €
<i>Polisport Molds</i>		Alemanha	51.506,62 €
Portugal	886.040,17 €	Espanha	35.134,85 €
Federação Russa	413.350,00 €	Suécia	26.797,60 €
Alemanha	183.150,00 €		
Espanha	30.550,00 €		
Suíça	16.900,00 €	TOTAL Grupo	42.101.382,13 €

Desempenho Ambiental

Quantidade de materiais (kg)	2018		2019	
	kg	Kg utilizados por cada 1000€ de volume de negócio	kg	Kg utilizados por cada 1000€ de volume de negócio
Polisport Plásticos	4.752.074	161,37	4.898.237	161,41
Polinter	414.654	55,53	381.982	49,43
Polisport Molds	-	-	-	-
Headgy Helmets	448.824	280,05	423.863	216,81
Polipromotion	64.959	280,04	220.179	202,88
Grupo Polisport	5.680.511	178,10	5.924.261	188,07

Materiais usados	Quantidade total (kg)
Plástico	3.355.660
Metal	1.292.475
Cartão	717.520
Outros	351.331
Têxteis	207.275
Total	5.924.261

Quantidade de Eletricidade (kwh)	2018		2019	
	kwh	Kwh gastos por cada 1000€ de volume de negócio	kwh	Kwh gastos por cada 1000€ de volume de negócio
Polisport Plásticos	391.914	13,31	346.954	11,43
Polinter	2.112.176	282,88	1.772.446	229,35
Molds	386.066	213,75	486.380	284,60
Headgy Helmets	182.741	114,03	182.599	93,40
Polipromotion	34.110	174,05	174.075	160,40
Grupo Polisport	3.107.007	97,42	2.962.454	94,05

Quantidade de Gás (kg)	2018		2019	
	kg	Kg gastos por cada 1000€ de volume de negócio	kg	Kg gastos por cada 1000€ de volume de negócio
Polisport Plásticos	2.411	0,082	5.677	0,187
Polinter	0	0	0	0
Molds	0	0	0	0
Headgy Helmets	1.564	0,976	4.119	2,107
Polipromotion	0	0	1.140	1,050
Grupo Polisport	3.975	0,125	10.936	0,347

Quantidade de água (m ³)	2018		2019	
	m ³	m ³ gastos por cada 1000€ de volume de negócio	m ³	m ³ gastos por cada 1000€ de volume de negócio
Polisport Plásticos	1488	0,051	1401	0,046
Polinter	3022	0,405	2639	0,341
Molds	313	0,173	325	0,19
Headgy Helmets	550	0,343	513	0,262
Polipromotion	0	0	323	0,298
Grupo Polisport	5373	0,168	5201	0,165

Quantidade de Resíduos (kg)	2018		2019	
	kg	Kg gastos por cada 1000€ de volume de negócio	kg	Kg gastos por cada 1000€ de volume de negócio
Polisport Plásticos	277.738	9,43	240.023	7,90
Polinter	153.174	20,51	124.877	16,16
Molds	78.163	43,27	44.900	26,27
Headgy Helmets	40.315	25,16	38.635	19,76
Polipromotion	12.327	53,14	13.237	12,20
Grupo Polisport	561.717	17,61	461.672	14,66

Quantidade de Resíduos (kg)	2018		2019	
	kg	Kg gastos por cada 1000€ de volume de negócio	kg	Kg gastos por cada 1000€ de volume de negócio
Resíduos Perigosos	10.866	0,34	7.786	0,25
Resíduos não perigosos	550.851	17,27	453.886	14,40
Resíduos reutilizados	5.520	0,17	1.530	0,049
Grupo Polisport	561.717	17,61	461.672	14,57

Emissões Atmosféricas (kgCO2)	2018		2019	
	KgCO2	KgCO2 gastos por cada 1000€ de volume de negócio	KgCO2	KgCO2 gastos por cada 1000€ de volume de negócio
<i>Do consumo de eletricidade:</i>				
Polisport Plásticos	176.907	6,00	106.540	3,51
Polinter	993.595	133,07	551.229	71,33
Molds	182.043	100,79	147.694	86,42
Headgy Helmets	85.647	53,44	57.374	29,35
Polipromotion	11.286	48,65	50.645	46,67
Grupo Polisport	1.449.478	45,45	913.482	29,00
<i>Do consumo de gás:</i>				
Polisport Plásticos	7.233	0,25	17.031	0,56
Polinter	0	0	0	0
Polisport Molds	0	0	0	0
Headgy Helmets	4.962	3,10	12.357	6,32
Polipromotion	0 0		3.420	3,15
Grupo Polisport	11.925	0,37	32.808	1,04
<i>Do consumo de Combustível:</i>				
Grupo Polisport	122.852¹	3,85	129.300²	4,10
<i>Gases Fluorados:</i>				
Grupo Polisport	291.684	9,15	291.684	9,26
TOTAL Grupo Polisport	1.875.939	58,82	1.367.274	43,41

Desempenho Social

Colaboradores	Permanentes			Temporários			Total
	F	M	Total	F	M	Total	
Polisport Plásticos	129	68	197	15	7	22	219
Polinter	22	50	72	7	3	10	82
Polisport Molds	4	20	24	0	0	0	24
Headgy Helmets	30	10	40	5	1	6	46
Polipromotion	6	8	14	2	2	4	18
Grupo Polisport	191	156	347	29	13	42	389

Colaboradores por género	Feminino	%	Masculino	%	Total
Polisport Plásticos	144	66	75	34	219
Polinter	29	35	53	65	82
Polisport Molds	4	17	20	83	24
Headgy Helmets	35	79	11	24	46
Polipromotion	8	57	10	43	18
Grupo Polisport	220	57	169	43	389

¹ Os valores são uma estimativa. Média do preço do combustível em 2018 retirado do Pordata.

² Os valores são uma estimativa. Média do preço do combustível em 2019 retirado do Pordata.

Média de horas de Formação por colaborador*	Mulher	Homem	Total
Polisport Plásticos	34,78	44,57	38,15
Polinter	8,77	19,66	16,33
Polisport Molds	65,63	27,65	33,98
Headgy Helmets	24,47	24,3	24,43
Polipromotion	45,33	25,88	34,21
Grupo Polisport	31,14	32,16	31,60

**Só contam as horas de formação dos colaboradores permanentes*

Acidentes de Trabalho

Empresa	Género	Nº de acidentes	Nº acidentes c/ baixa	Nº dias de baixa	Nº horas de trabalho	Índice de frequência
Polisport Plásticos	Feminino	9	5	233	-	-
	Masculino	3	2	36	-	-
	Total	12	7	269	388.889	18,00
Polinter	Feminino	8	6	85	-	-
	Masculino	7	4	85	-	-
	Total	15	10	170	150.737	63,34
Polisport Molds	Feminino	0	0	0	-	-
	Masculino	6	5	115	-	-
	Total	6	5	115	43.536	114,85
Headgy Helmets	Feminino	1	1	6	-	-
	Masculino	0	0	0	-	-
	Total	1	1	6	77.426	12,92
Polipromotion	Feminino	1	1	4	-	-
	Masculino	2	1	15	-	-
	Total	3	2	19	32.628	61,30
Grupo Polisport		37	25	579	693.216	36,06

7.2. Anexo B - Índice de conteúdo GRI

GRI STANDARD	Disclosure title	Information/Page
102	General Disclosures	
102-1	Nome da organização	Grupo Polisport
102-2	Atividades, Marcas, Produtos e Serviços	Pág. 35/36/37
102-3	Localização da Sede	Polisport Plásticos, SA – Carregosa, Oliveira de Azeméis
102-4	Localização das Operações	A empresa opera em Portugal e no Brasil, onde tem empresas.
102-5	Ownership and legal form	
102-6	Markets served	Pág. 40/57/58
102-7	Scale of organization	Pág. 39/40/50
102-8	Information on employees and other workers	Pág. 50/51/68/69
102-9	Supply Chain	Pág. 36/37
102-10	Significant changes to the organization and its supply chain	-
102-11	Precautionary Principle or approach	-
102-12	External initiatives	Pág. 53
102-13	Membership of associations	-
102-14	Statement from senior decision-maker	Pág. 33/34
102-15	Key impacts, risks, and opportunities	Pág. 42/43
102-16	Values, principles, standards, and norms of behaviour	Pág. 38
102-17	Mechanisms for advice and concerns about ethics	Pág. 41/42
102-18	Governance structure	Pág. 38
102-40	List of Stakeholder groups	-
102-41	Collective bargaining agreements	-
102-42	Identifying and selecting stakeholders	-
102-43	Approach to stakeholder engagement	-
102-44	Key topics and concerns raised	-
102-45	Entities included in the consolidated financial statements	-
102-46	Defining report content and topic boundaries	-
102-47	List of material topics	-
102-48	Restatements of information	Nenhum, este é o primeiro relatório

(Cont.)		
102-49	Changes in reporting	Este é o primeiro relatório
102-50	Reporting Period	2019
102-51	Date of the most recent report	Esta é a primeira vez que o Grupo Polisport está a realizar um relatório de sustentabilidade.
102-52	Reporting Cycle	Anual
102-53	Contact point for questions regarding this report	-
102-54	Claims of reporting in accordance with GRI Standards	“This report has been prepared in accordance with the GRI Standards: Core option”
102-55	GRI content index	Pág. 70/71/72
102-56	External assurance	-
Economic		
GRI 201	Economic performance	201-1: Pág. 40 201-2: Pág. 42
GRI 202	Market presence	202-1: Pág. 51 202-2: Não existem executivos (administradores/diretores) contratados da comunidade local.
GRI 203	Indirect economic impacts	203-2: Não existiram qualquer tipo de impactos económicos, negativos ou positivos, durante 2019.
GRI 204	Procurement practices	204-1: Pág. 41
GRI 205	Anti-corruption	205-2: Pág. 41/42 205-3: Não existiram incidentes relacionados com corrupção;
GRI 206	Anti-competitive behaviour	206-1: Não existiram ações legais;
GRI 207	Tax	O Grupo utiliza o RETGS - Regime especial de tributação dos grupos de sociedades;
Environmental		
GRI 301	Materials	301-1: Pág.44/45/66 301-2: Pág.47 - 9% dos nossos resíduos reentram no ciclo de produção da empresa.
GRI 302	Energy	302-1: Pág. 45/46/67 302-4: Pág. 45
GRI 303	Water and Effluents	303-3: A Polinter é a única unidade do grupo que retira água diretamente do poço; 303-5: Pág. 46/47/67
GRI 304	Biodiversity	-
GRI 305	Emissions	305-1: Pág.48/49/68
GRI 306	Effluents and Waste	306-2: Pág.47/48/67/68
GRI 307	Environmental compliance	Não existiu qualquer tipo de não conformidade ambiental
GRI 308	Supplier environmental assessment	-

Social (Cont.)		
GRI 401	Employment	401-1: Pág.50/51 401-2: Pág.50 401-3: Pág.52/53
GRI 402	Labor/Management Relations	-
GRI 403	Occupational Health and Safety	403-1: Pág. 52/53 403-2: Pág. 53 403-3: Pág. 52/53 403-4: Pág. 52/53 403-5: Pág.53 403-6: Pág.52 403-8: Pág. 52 403-9: Pág.52
GRI 404	Training and Education	401-1: Pág. 53/69 404-2: Pág. 53 404-3: Todos os nossos colaboradores recebem avaliações de desempenho.
GRI 405	Diversity and Equal Opportunity	O grupo orgulha-se de nunca ter tido qualquer episódio ou reclamação relacionada com desigualdade de género ou qualquer tipo de discriminação.
GRI 406	Non-discrimination	Não existiram acidentes de discriminação.
GRI 407	Freedom of Association and Collective Bargaining	-
GRI 408	Child Labor	-
GRI 409	Force dor Compulsory Labor	-
GRI 410	Security Practices	-
GRI 411	Rights of Indigenous Peoples	-
GRI 412	Humans Rights Assessment	-
GRI 413	Local Communities	413-1: Pág.53
GRI 414	Supplier Social Assessment	-
GRI 415	Public Policy	-
GRI 416	Costumer Health and Safety	416-2: Pág.53/54
GRI 417	Marketing and Labeling	417-1: 54 417-2: 54 417-3: Não existiram incidentes de não conformidade relacionados a comunicações de Marketing;
GRI 418	Costumer Privacy	O grupo Polisport não teve qualquer reclamação relacionada com a violação ou perda de dados dos clientes.
GRI 419	Socioeconomic compliance	Na área social não se verificou incumprimentos de leis e regulamentos, já na área económica tivemos 2 sanções no valor de 1.052,25 €.